

# ACADEMIA DOS BUGS

demo

Romance de Ficção Científica

Mikhail Savchenko

*Um romance sobre um mundo onde a divindade se revelou  
não um milagre, mas uma disciplina de engenharia,  
e a imortalidade não um dom,  
mas um exame de preservação de si mesmo  
através da reescrita da realidade.*

# Prefácio

Certas coisas não podem ser explicadas por uma fórmula. Só podem ser vividas.

Este livro é uma história. Com gente de verdade, que erra, tem medo, se apaixona e faz escolhas das quais depende não apenas o destino deles.

Por trás dela está uma pergunta que não me dá sossego há muitos anos: e se aquilo que chamamos de *divino* for um problema de engenharia? Para o qual ainda não encontramos as ferramentas — porque não sabíamos que ele podia ser *formulado*.

Pode ser que você ache que estou fantasiando. Pode ser que eu esteja errado. Pode ser — e essa é a opção mais desconfortável — que eu esteja certo, mas ainda não saiba provar. Um cientista com uma hipótese indemonstrada — o pior que pode acontecer a um cientista.

Acontece.

# Sumário

<b>Prefácio</b>	<b>1</b>
<b>I Uma Corrente de Ar Vinda do Nada</b>	<b>1</b>
1 Visão Periférica	2
2 Aquilo Que Não Acontece Catorze Vezes Seguidas	12
3 Uma Dívida	23
4 Um Olhar Desumano	32
5 Como Enlouquecer Corretamente	40

## **Parte I**

# **Uma Corrente de Ar Vinda do Nada**

# Capítulo 1

## Visão Periférica

Ontem eu salvei a vida de uma pessoa. Sem querer.

Essa é uma ressalva importante, porque dela decorre todo o resto. Se eu tivesse salvado a vida de alguém de propósito — digamos, me jogado dentro de um prédio em chamas ou pulado num rio — eu não estaria agora sentado num apartamento vazio na Shabolovka, escrevendo isto num caderno que comprei hoje de manhã especificamente para anotar coisas que não podem ser ditas em voz alta. Estaria dando entrevistas, ou internado num hospital, ou pelo menos me sentindo um herói.

Em vez disso, me sinto um erro.

Não no sentido metafórico (“ah, sou um erro da natureza, ninguém me entende” — embora isso também). No sentido literal. Como um bug no código: o programa roda, o usuário não percebe nada, mas o desenvolvedor sabe que na linha 4078 existe uma chamada de função que não deveria existir. Ela não quebra nada. Simplesmente não tem o direito de estar ali. E um dia — ninguém sabe quando — ela vai ser executada, e aí tudo vai pro saco.

Linha 4078 — sou eu. Daniil Reinov, vinte e oito anos, doutor em física, Moscou, Instituto de Tecnologias Quânticas batizado em homenagem a alguém-cujo-nome-eu- sempre-esqueço (a maioria dos institutos científicos russos leva o nome de pessoas que só são lembradas pela placa na fachada — o que, pensando bem, é uma metáfora bastante precisa da própria ciência russa).

Eu tenho uma função extra. Como um sexto dedo: não dói, não atrapalha, mas as luvas não servem e as pessoas ficam olhando. A função é a seguinte: às vezes eu enxergo as costuras da realidade.

\* \* \*

“Costuras” é, claro, uma metáfora. Mas não tenho outra melhor, porque para uma descrição literal seria preciso um idioma que não existe, e o equivalente mais próximo é o prontuário de um esquizofrênico. Então — costuras.

Eu não sou vidente. Não sou profeta. Não sou aquele cara dos anúncios do YouTube que, por 49.990 rublos (com desconto, só hoje, só pra você, só porque Mercúrio está em Peixes), promete “despertar a consciência quântica”. (A propósito: “consciência quântica” é um dos maiores crimes do marketing contra a física. Quântico é aquilo

que existe no espaço de Hilbert. Sua “consciência” existe no espaço entre a segunda taça de vinho e o terceiro episódio da série. Mas eu divaguei.)

Pois bem. De vez em quando — uma vez a cada poucos meses, sem agenda e sem aviso — o mundo ao meu redor se torna *semitransparente* por uma fração de segundo. Como se a realidade tivesse um forro, e a camada de cima — elegante, passada, aquela em que vivem todas as pessoas normais — por um instante se levantasse, e por baixo — *estrutura*. Planta baixa. A marcação sobre a qual tudo isso — árvores, postes, a sua vida — está *costurado*.

Você já notou uma emenda de montagem num filme? A câmera estava à direita, agora está à esquerda, o ator já mudou de posição. Uma boa montagem é invisível. Uma ruim dá enjoo: você percebe que estão fazendo um *truque*, e a mão do mágico apareceu no quadro por um segundo.

É isso. Só que não é no cinema. E a mão não é humana.

Eu vejo como os eventos são *montados*. Como o efeito aparece antes da causa, e depois a causa é cuidadosamente desenhada retroativamente — como uma assinatura num decreto alheio. O mundo ao meu redor — *se monta*. Diante dos meus olhos. Em tempo real. Em movimento. A partir de peças que não existiam um segundo antes — como um móvel da IKEA, só que o manual está num idioma que eu não conheço, e o montador é invisível.

O psiquiatra da Barrikadnaya (uma consulta, doze anos, cento e vinte comprimidos de fenazepam, seis meses no estado de um nhoque cozido) chamava isso de “ansiedade elevada com elementos dissociativos”. O Kahneman, no livro que eu li aos dezesseis (“Rápido e Devagar”, capítulo sobre a intuição dos especialistas), chamava de “processamento inconsciente rápido de dados”. Formulações maravilhosas. Ambas. Uma serve para receitar comprimidos. A outra serve para não receitar.

Nenhuma das duas explica o que aconteceu quando eu tinha sete anos.

Sobre isso — depois.

\* \* \*

O elevador não funcionava.

Em qualquer outro país, isso exigiria uma explicação. Na Rússia, explicação exige o elevador *funcionando*: o que aconteceu, quem foi demitido, qual verba foi torrada, o que fizemos de errado. O elevador quebrado é estabilidade. É a certeza do amanhã. É a âncora existencial num mundo onde todo o resto é imprevisível.

(Estou sendo absolutamente sério, aliás. Uma das coisas que os estrangeiros jamais vão entender sobre a Rússia é que aqui o caos é uma forma de ordem. Um instituto russo onde tudo funciona levanta suspeitas. Significa que tem dinheiro vindo de algum lugar. Significa que alguém está devendo favor a alguém. Significa que vem merda por

aí. Já um instituto onde nada funciona — é nosso, é familiar, é compreensível. Dá pra relaxar.)

Subi sete andares a pé, ofegante e amaldiçoando meu hábito de fumar “um antes de dormir” (“um antes de dormir” é um objeto quântico: é simultaneamente um e quatro, e colapsa num número concreto apenas na presença de um observador), e encontrei a máquina de café funcionando.

A máquina de café do nosso instituto é um indicador do estado do universo. Se ela funciona, o dia vai ser estranho. Se não funciona, tudo conforme o previsto. Hoje ela funcionava. Eu deveria ter ficado alerta.

O café era horrível. Isso tranquilizava: pelo menos as *leis da termodinâmica* no nosso instituto ainda vigoravam. Entropia no lugar. Boa e honesta entropia, transformando grãos de café toleráveis em um líquido insuportável.

\* \* \*

Lena Markova já estava no posto.

Três monitores, camisa xadrez e uma expressão facial que em quatro anos eu nunca consegui classificar — algo entre “eu te vejo por inteiro” e “não me faça gastar palavras com isso”.

Lena é minha parceira, coautora e (digo isso sem nenhuma sombra de romantismo, pra constar) a única pessoa num raio de quatro andares com quem eu consigo conversar sem sentir que estou desperdiçando meu tempo. Ela é inteligente. Não no sentido em que na Rússia se diz “mulher inteligente” (subentendendo: “não é bonita, mas é útil” — uma das construções mais nauseantes da língua russa, mais ou menos no nível de “para uma mulher, você até que entende bem”). Lena é inteligente no único sentido que importa: ela entende o que está pensando. A maioria das pessoas, incluindo físicos (especialmente físicos), não faz a menor ideia do que está pensando. Operam fórmulas como um malabarista opera claves: bonito, rápido, mas se você perguntar o que exatamente ele está jogando pro alto, ele para e derruba tudo.

— Você não dormiu de novo — disse ela, sem se virar.

Lena tem essa habilidade — determinar meu estado pelo som dos meus passos. Eu desconfio que em outra vida ela trabalhou na contraespionagem. Ou como veterinária. (A diferença, pensando bem, é mínima: ambos lidam com criaturas que não conseguem explicar onde dói, e ambos são obrigados a adivinhar pelos sinais externos.)

— Eu dormi.

— Respira assim quem ficou até as três da manhã interrogando o próprio laptop.

— O laptop se recusou a cooperar.

— Quinta emenda?

— Pior. Ele me mostrou uma coisa que não deveria ter mostrado e depois fez de conta que nada aconteceu.

Ela não sorriu. Sinal de que era sério.

\* \* \*

Um qubit é um bit quântico. Uma unidade de informação que, diferente do bit comum (zero ou um), pode estar simultaneamente nos dois estados. Isso se chama superposição, e se você acha que é besteira — parabéns, você está em boa companhia: Einstein também achava, até descobrirem que quem delirava era o universo.

Lena e eu trabalhamos com qubits há dois anos. Construímos um processador quântico. Melhor dizendo, tentamos: construir um processador quântico na Rússia é mais ou menos como fazer sopa num corredor de macarrão. Teoricamente possível. Na prática, tudo escorre: dinheiro, gente, qubits, esperança — mais ou menos nessa ordem.

Pois bem. Ontem, nossos qubits fizeram algo que não deveriam. Se comportaram — a única palavra que me vem à cabeça — de maneira *evasiva*. Como se soubessem que estavam sendo observados e mudassem *em resposta*. A mim.

A diferença entre “o observador influencia o sistema quântico” e o que eu vi ontem é mais ou menos a mesma entre “o gato ignora você” e “o gato olhou nos seus olhos e lentamente empurrou sua caneca da mesa”. O primeiro é física. O segundo é pessoal.

— Olha isso — virei a tela para ela. — Série três-dezoito.

Lena deslizou na cadeira até mim. O jeito dela de olhar para dados é um gênero performático à parte: cabeça levemente inclinada, olhos semicerrados, lábios comprimidos. Uma inquisidora examinando o depoimento de um herege.

— Flutuação.

— Quatorze vezes seguidas.

— Acontece.

— Lena. Você sabe o que acontece quatorze vezes seguidas? Sabe qual é a probabilidade? Um em dezesseis mil. Um dezesseis-milésimo. É menor do que a probabilidade de ser atingido por um raio. Duas vezes. No mesmo dia.

— Mas não é zero.

— Formalmente, não. Formalmente, a probabilidade de todas as moléculas de ar desta sala se reunirem simultaneamente no canto esquerdo e a gente sufocar também não é zero. Mas a gente não está sentado de máscara de oxigênio.

Pausa. Pausa é quando Lena está escolhendo as palavras, e Lena só escolhe as palavras quando as primeiras dez opções eram “Dan, você pirou” e ela está procurando a décima primeira, mais suave.

— Dan. A gente não vai por aí.

— Por aí aonde?

— Aonde um físico publica um artigo dizendo que os qubits reagem à intenção dele. Aonde os pareceristas riem tanto que perdem os dentes. Aonde a gente daqui a um ano

está trabalhando numa escola, explicando a lei de Ohm pra alunos do ensino médio.

Convincente. Assustador. E fora do alvo, porque eu não estava falando de publicação. Eu estava falando de que meus dados se comportam do mesmo jeito que minha vida: mostram algo impossível e depois fazem de conta que nada aconteceu. Mas isso eu não disse. Eu disse:

— Esquece. Vamos reiniciar a série.

\* \* \*

Ao meio-dia, chegou Grisha Belov.

Grisha é doutorando, vinte e três anos, física teórica. Se entusiasmo fosse combustível, Grisha poderia aquecer o estado de Saratov inteiro. Infelizmente, na ciência o entusiasmo é uma forma de transtorno psíquico socialmente aprovada até o momento em que você começa a produzir resultados. (Resultados é quando do entusiasmo sobra apenas cinza e uma publicação de quatorze páginas que será lida por sete pessoas, três das quais são pareceristas, e duas delas hostis.) Mas Grisha ainda estava na fase do combustível: ardia constante e brilhante, e suas perguntas faziam a gente querer simultaneamente abraçá-lo e jogá-lo pela janela (sétimo andar, sem elevador, justiça poética).

Ele entrou sem bater — bater na porta para Grisha é mais ou menos o mesmo que para um tornado: dispensável e fisicamente sem sentido — e disparou:

— Reinov! Zuri que! Correlações não-locais! Em macroobjetos!

Ele falava por pontos de exclamação. Como um telegrafista, só que em vez de pontos e traços — pontos e exclamações.

— Vi — eu disse.

— E?!

— E estou esperando a reprodução. Outro grupo, outro aparato.

— Isso se chama “chaticé”.

— Isso se chama “ciência”. Infelizmente, são sinônimos.

Ele saiu ofendido. Bateu o tablet no batente da porta (toda vez; estou começando a suspeitar que é um ritual).

Lena, sem se virar:

— Pegou pesado.

— Fui honesto.

— Dá na mesma quando se tem vinte e três.

Foi nesse ponto que algo apertou dentro de mim. Pela inveja. Inveja pura, ácida, nauseante de um moleque de vinte e três anos para quem o universo é um presente de Natal, e não uma encomenda com a etiqueta “CUIDADO: NÃO ABRIR”. Grisha corre em direção ao mistério como uma criança corre pro mar. Eu corro do mistério como alguém que já se afogou uma vez.

A diferença — doze anos e uma mãe desaparecida.

\* \* \*

Às seis da tarde, os dados estavam impecáveis.

Qualquer cientista diria que isso é bom. Eu digo que é suspeito. Nossos qubits *nunca* se comportam impecavelmente: sempre temos ruído de fundo, tremores, derivas — normais, explicáveis, como a respiração de alguém dormindo. E hoje — silêncio. Absoluto. De morte.

As anomalias de ontem — nos logs. A esterilidade de hoje — na tela. Uma coisa exclui a outra. É como se o seu vizinho tivesse furado a parede a noite toda, e hoje você descobrisse que a parede está lisa, inteira e, na verdade, nunca foi tocada. Exatamente assim: nunca tocada. Como se ontem não tivesse existido. Ou como se alguém tivesse apagado os rastros com cuidado.

Repeti o mantra mentalmente: *cansado, não dormiu, apofenia, vai pra casa.*

A palavra “apofenia” é uma das melhores invenções da psiquiatria. Significa “tendência a ver padrões onde não existem”. A genialidade do termo é que ele simultaneamente descreve a condição e encerra qualquer discussão. Basta você dizer “estou vendo um padrão em...” para seu interlocutor responder “apofenia”, e não há mais o que dizer. O que esse termo não leva em conta é a possibilidade de que o padrão *exista* e quem não o enxerga seja justamente o seu interlocutor. Mas para esse caso não inventaram um termo. Provavelmente porque aí seria preciso revisar diagnósticos demais.

\* \* \*

Alcansei Lena na saída. Ela lutava com o guarda-chuva. O guarda-chuva levava vantagem.

— Quer carona?

— Vou a pé com você até o metrô. Se prometer não pronunciar a palavra “qubits”.

— E “quântico”?

— Também não.

— “Correlação”?

— Dan.

— Tá bom. Vamos falar do tempo. Está horrível.

— Finalmente uma conversa normal.

Seguimos pela Vavilova. Novembro. Moscou. Seis da tarde. O que significa que ao redor algum estado agregado alternativo de trevas: a sensação de que alguém no cosmos apertou “diminuir brilho” e esqueceu o dedo no botão. No ar, pairava uma névoa aquosa — umidade que, por razões próprias, decidiu se tornar vertical. (Em Moscou de outubro a abril não chove. Tem isto.)

Lena falava sobre uma conferência em Kazan. Eu assentia e olhava a cidade. Postes, carros, pessoas, guarda-chuvas. Mundo normal. No lugar.

Então eu senti.

Imagine que você está ouvindo uma orquestra. Cem músicos, cada um tocando sua parte, e tudo junto forma música. Você não ouve os instrumentos separados — você ouve o *todo*. E de repente, nesse todo, se entrelaça uma nota que não deveria estar ali. *A mais*. Ela nem é dessa sala. Ela vem de algum lugar *de fora*.

E todo o seu corpo — músculos, pele, coluna — quer se afastar dessa nota. Porque ele entende o que a cabeça não entende: essa nota é um buraco no *mundo*.

Estávamos chegando ao cruzamento. Sinal verde. As pessoas atravessavam. Lena desceu da calçada.

Agarrei-a pela manga e puxei. O corpo fez isso meio segundo antes de o cérebro entender por quê.

— Que diab—

O caminhão.

Mudo. Pesado. Sem buzina. Meio metro. Vento na cara. O asfalto molhado chiou como uma frigideira.

Depois — em algum ponto adiante — impacto, metal raspando, gritos. Um poste. O motorista no volante. Vivo. Multidão. Celulares. Alguém filmando (a reação padrão do Homo sapiens do século vinte e um diante da morte iminente: filmar, postar, colher curtidas; os antropólogos do futuro chorariam, se tivessem glândulas lacrimais, mas desconfio que os antropólogos do futuro não terão).

Lena. Branca. Agarrada na minha manga. Cinco segundos de silêncio.

— Como você sabia?

Eu olhava para o caminhão.

— Dan. Como você sabia?

Me virei. Olhei nos olhos dela.

Eu não vi o caminhão, Lena. O caminhão não era visível. Ele saiu de trás da curva, e nós dois sabemos disso. Eu vi outra coisa. Dois segundos antes, o espaço à nossa frente se *montou*. Como se o cruzamento fosse uma construção, e nessa construção tivesse aparecido um buraco. Negro, rasgado, errado. De dentro dele vinha aquilo — a nota a mais, o ar estranho, a corrente de ar vinda do nada. Meu corpo entendeu. Minha mão puxou você.

Evidentemente, eu não disse nada disso.

— Visão periférica — eu disse. — A luz dos faróis. Pelo canto do olho.

Nós dois sabíamos que não havia faróis. Mas a civilização se sustenta na capacidade de duas pessoas inteligentes ignorarem juntas o óbvio. Fazemos isso todo dia — com política, com ecologia, com o fato da nossa própria mortalidade. Uma mentira a mais, uma a menos — a estrutura aguenta.

— Tá bom — disse Lena.

Caminhamos até o metrô. Na entrada, ela se virou.

— Obrigada, Dan.

— Hm.

— E... talvez fala com alguém? Não no sentido... bom. Você entende.

Formulação maravilhosa. “Fala com alguém.” “Vai no psiquiatra” — grosseiro. “Você precisa de ajuda” — direto. Mas “fala com alguém” — é aquele eufemismo que simultaneamente expressa cuidado e se exime de responsabilidade. “Fala com alguém” — ou seja, com quem receba pra isso.

— Eu tô bem, Lena.

Ela foi embora. Não acreditou, claro.

\* \* \*

Eu estava sentado no carro sem ligar o motor.

Existe um estado — depois da adrenalina. A adrenalina vai embora e no lugar dela vem uma clareza. Não boa, não acolhedora. Clínica. Como a luz de um necrotério: dá pra ver tudo, e nada do que se vê a gente quer ver.

Eu vi a costura. Não pela primeira vez.

A primeira vez — eu tinha sete anos. Cozinha, lápis de cor, um desenho (casa, cerca, árvore, sol com raios — o kit padrão aprovado pelos psicólogos infantis; se eu tivesse desenhado a casa sem janelas, teriam me mandado pra outro especialista, mas eu desenhei janelas, e isso me salvou de um diagnóstico precoce). Eu desenhava — e de repente comecei a chorar. Sem transição. Sem motivo. Meu pai: “O que aconteceu?” Eu: “A mamãe foi embora.” Ele: “Ela está no trabalho, volta de noite.”

Não voltou. Nem de noite, nem nunca. Acidente. Corpo não encontrado. Caso encerrado. Eu tinha sete anos e ouvia tudo isso de trás da porta, sentado no chão do corredor, abraçando os chinelos da minha mãe. Os chinelos estavam quentes. Tinham cheiro de casa. Eu achava: se eu segurar com força suficiente, ela volta pra buscá-los.

Ela não voltou.

(Vinte e um anos. Até hoje às vezes sonho com o cheiro daqueles chinelos. O cérebro é uma máquina impressionante: esquece fórmulas que estudou por uma semana, mas lembra do cheiro de chinelos de casa depois de vinte e um anos. Talvez porque as fórmulas descrevam o mundo, e o cheiro *seja* o mundo. Mas isso já é filosofia, e filosofia é o que os físicos fazem quando o experimento não funciona.)

Desde então — uma vez a cada poucos meses. Sempre igual. Primeiro, o mundo por um segundo se torna *fino*. Como papel contra a luz: dá pra ver que por trás tem alguma coisa. Depois — a costura. Rápida, na visão periférica. O bastante para estremecer. Insuficiente para entender.

Aos doze, meu pai me levou ao psiquiatra. Um velho na Barrikadnaya, consultório com ficus, diploma na parede, caneta atrás da orelha. Me ouviu por quinze minutos (eu cronometrei), depois escreveu a receita. Parei de contar. Não parei de ver. A diferença entre “curar” e “calar” é a diferença entre cirurgia e band-aid. Mas o band-aid é mais barato e pode ser prescrito em quinze minutos.

Aos dezesseis, encontrei *minha* explicação. Kahneman. Processamento inconsciente rápido de dados. O cérebro capta milhares de microssinais e produz um “pressentimento”. Nenhuma mística. Pura neurobiologia.

Vivi com essa explicação por doze anos. Era confortável, racional, elegante e — como toda mentira realmente boa — absolutamente impecável até o momento em que você faz a pergunta complementar.

A pergunta complementar: que “microssinais” um menino de sete anos poderia ter captado um dia antes do evento, do outro lado da cidade, através de um desenho a lápis de uma casa com cerca?

Doze anos eu não fiz essa pergunta. Hoje ela se fez sozinha.

Liguei o carro.

No rádio — previsão do tempo: dois negativos, neve, vento noroeste. Mundo normal. Todos vivos. Caminhão no poste. Motorista inteiro. Tudo bem.

Na saída do estacionamento, três semáforos piscaram — da esquerda para a direita, em onda. Clique. Clique. Clique. Como se alguém estivesse verificando se funcionavam.

Pisquei. Vermelho, vermelho, vermelho. No lugar.

Fui pra casa pensando que “normalidade” é um diagnóstico. Ninguém o recebe porque todo mundo tem. E o que todo mundo tem se chama norma. Lógica circular perfeita. Aristóteles aprovaria.

\* \* \*

Apartamento. Shabolovka. Quitinete. Quarto ano morando. Livros (um terço lido), monitor (vale mais que todo o resto junto), caneca com a alça quebrada (não joga fora; a razão é objeto de uma investigação psicanalítica à parte que não pretendo conduzir).

Na mesa da cozinha — uma fotografia. Impressa, com o canto dobrado, encostada no saleiro. Uma mulher de cabelos escuros. Olhos que pareciam olhar *através* da câmera. Para algo atrás do fotógrafo. Ou atrás da fotografia. Ou atrás da realidade em geral.

Mamãe. Irina Reinova. Desaparecida. Vinte e um anos.

Fiquei na janela com o chá e pensei.

Estritamente falando, tenho duas opções.

Primeira: sou um neurótico bem treinado, com apofenia e um processador subconsciente veloz. Preciso de um psiquiatra decente — com menos de cinquenta anos,

sem ficus e com a compreensão de que fenazepam não é resposta para a pergunta “por que eu vejo o que não vejo”.

Segunda: eu vejo algo real. Não o futuro, não espíritos, não uma carta de tarô em 4K. Algo na estrutura dos próprios eventos — em *como* eles são feitos. E nesse caso minha explicação baseada em Kahneman — é anestesia. E anestesia é coisa que acaba.

Celular.

*“Cheguei. Obrigada de novo. Sério, Dan — fala com alguém. Lena”*

Não respondi. Porque a única resposta honesta seria: “Lena, eu não tenho com quem falar. A pessoa com quem faria sentido teria que ver o mesmo que eu. E aparentemente não existe ninguém assim.”

Embora — como eu posso saber? Talvez sejamos metade da cidade. Talvez toda Moscou esteja deitada agora no escuro pensando: “por que eu tenho a impressão de que o mundo está sendo montado em tempo real?” Mas cada um se cala, porque tem certeza de que é o único. E o silêncio é também uma forma de contrato coletivo: todos concordamos em não notar o que notamos, e chamamos isso de “normalidade”.

O pensamento era idiota. Mas não ia embora. Se instalou num canto da consciência como um gato de rua: você alimentou uma vez e agora ele mora aqui. Você sabe disso. Ele sabe disso. Nenhum dos dois pretende fazer nada a respeito.

Apaguei a luz. Deitei.

Sonhei com o cruzamento. Todos os semáforos no verde. Todos os carros andando em todas as direções ao mesmo tempo e passando uns através dos outros, como hologramas. Ou como pensamentos. Ou como eventos que ainda não decidiram se vão acontecer ou não.

No meio do cruzamento, havia uma pessoa. Eu não via o rosto, mas sabia — ele estava olhando pra mim. E me conhecia. Há muito tempo.

Ele disse — ou pensou, ou simplesmente *era* esse pensamento:

“Basta.”

Uma palavra. Sem continuação.

Acordei às quatro da manhã. Lá fora — neve. A primeira do ano. Silenciosa, vertical. Pousava sobre a cidade como ruído branco sobre um sinal, e eu deitado no escuro pensando: basta o quê? Basta de fingir? Basta de ter medo? Basta de viver?

Não houve resposta. O que é, no fundo, o pior de tudo, porque para uma pergunta concreta se pode dar uma resposta concreta, mas para uma vaga — só deitar às quatro da manhã ouvindo a neve farfalhar no parapeito e pensar: talvez a mamãe visse a mesma coisa. Talvez ela também deitasse assim. E em algum momento se levantou e foi. *Em direção a.* Ao que via. Ao que não conseguia mais não ver.

E não voltou.

Fechei os olhos. Tentei dormir.

Não consegui.

## Capítulo 2

# Aquilo Que Não Acontece Catorze Vezes Seguidas

Os três dias seguintes eu passei num estado que os psicólogos chamam de “dissonância cognitiva” e as pessoas normais chamam de “foda-se essa vida, mas não tem alternativa”.

Os qubits se comportaram direitinho. Lena não fez perguntas. O elevador não funcionava. A máquina de café alternava entre períodos de vida e morte com uma frequência que, por tédio, tentei descrever como senoide (não deu: R-quadrado 0,41 — nem a máquina de café do nosso instituto obedece à matemática). O universo tinha voltado às configurações de fábrica, e eu decidi que talvez, afinal, fosse a primeira opção: sou um neurótico com apofenia, preciso de um bom psiquiatra e de refeições regulares.

Aí chegou quinta-feira, e a primeira opção acabou.

\* \* \*

Acordei no chão do corredor.

Permita-me repetir, para quem está lendo desatento (inclusive eu, relendo este caderno): acordei no chão. No corredor. Entre o cabideiro e a porta do banheiro. De cueca e uma meia só (a esquerda; pra onde foi a direita é um daqueles mistérios do universo que, ao contrário do entrelaçamento quântico, realmente não têm solução). Com o travesseiro, que eu aparentemente trouxe comigo, como uma criança de quatro anos traz o urso de pelúcia — só que eu tenho vinte e oito, e urso de pelúcia não tenho desde que meu pai decidiu que um menino da minha idade deveria passar sem brinquedos macios. (Eu tinha seis. O urso se chamava Professor. Até hoje não perdoei.)

A última coisa de que eu lembrava era estar deitado na cama contando as rachaduras no teto. Onze. Conteí três vezes, porque se existe uma coisa que eu faço pior do que qualquer outra na vida é desligar o cérebro antes de dormir. Outras pessoas contam ovelhas. Eu conto rachaduras, fórmulas, cenários catastróficos e o número de dias desde a última ligação pro meu pai (dezoito; a gente só cansou um do outro, como cansam duas pessoas que se amam mas simplesmente não sabem falar sobre isso).

O espelho do corredor me mostrou uma pessoa que eu teria medo de encontrar num beco escuro. Imprevisível. Ele tinha os olhos de alguém que há muito tempo não dorme e há muito tempo não tem certeza de por que acorda.

Sonambulismo — diria um neurologista. Acontece com estresse. Eu tive isso na infância: meu pai contava que uma vez eu levantei, fui até a cozinha, abri a geladeira, fiquei parado na frente dela um minuto, fechei e voltei pra cama. Meu pai concluiu que eu estava com fome. Eu, quando soube, concluí que estava verificando se a geladeira continuava no lugar. A diferença de interpretação é, em essência, a diferença entre um físico e uma pessoa normal. A pessoa normal explica o comportamento pelo motivo. O físico duvida da estabilidade do ambiente.

Mas aí aconteceu algo que fez do sonambulismo o menor dos meus problemas.

\* \* \*

Eu estava no chuveiro. A água escorria pelas costas. O cérebro ainda não tinha carregado (nos primeiros dez minutos depois de acordar eu funciono mais ou menos no nível de uma torradeira: consigo executar uma operação, mas atividade inteligente é melhor adiar).

E de repente eu vi meu laboratório.

Vi. Literalmente. Como se alguém tivesse trocado de canal: há um segundo eram azulejos, vapor e som de água — e agora três monitores, luz azul de telas e minha bancada de trabalho. Na tela — um gráfico que ontem não existia: linha azul, crescimento exponencial, depois — corte. Exatamente um corte: a linha sobe e para, como se alguém tivesse cortado a continuação com uma tesoura.

Durou um segundo e meio. Depois — azulejos, vapor, água.

Fiquei ali, agarrado no registro, de olhos fechados. Coração disparado. Água correndo. Mundo no lugar.

Aqui é preciso fazer uma observação importante sobre a natureza das alucinações (ou, se preferir, visões — a diferença entre elas, estritamente falando, é definida pelo status social de quem as experimenta: se você é um santo, é visão; se você é um doutor em física na Shabolovka, é alucinação). Pois bem, sobre a natureza. Alucinação, por definição, é a percepção daquilo que não existe. Você vê uma aranha na parede, a aranha não está lá, você está alucinando. Simples.

Mas e se você vê uma aranha na parede e depois chega ao trabalho e encontra uma aranha na parede?

É outra coisa. E para essa outra coisa a psiquiatria ainda não tem um termo, porque a psiquiatria, como toda ciência que se preze, só trabalha com fenômenos para os quais tem uma gaveta. Sem gaveta, sem fenômeno. Elegante. Eficiente. Absolutamente inútil.

\* \* \*

Cheguei ao instituto em vinte e três minutos (o trânsito em Moscou em novembro é uma modalidade à parte de meditação: você senta, não se move, não influencia nada,

e a única coisa que resta é observar seus próprios pensamentos; se Buda alguma vez morou em Moscou, ele atingiu a iluminação no Terceiro Anel Viário no horário de pico).

Subi até o sétimo andar. Liguei os monitores. Abri os logs noturnos.

Linha azul. Crescimento exponencial. Corte.

O mesmo gráfico. Aquele que eu tinha visto no chuveiro quarenta minutos antes.

Sabe qual é a coisa mais assustadora na confirmação do impossível? É que o cérebro continua tentando explicar. Ele é fisicamente incapaz de aceitar: “isso é impossível, mas aconteceu”. Ele começa a girar: talvez você tenha visto um gráfico parecido antes e esqueceu. Talvez o subconsciente tenha extrapolado a tendência. Talvez você ainda esteja dormindo. Talvez seja um *déjà vu*.

O cérebro é, em essência, uma máquina de explicações. Ele busca uma *versão* que lhe permita continuar funcionando. Como um sistema operacional que, num travamento, gera uma mensagem de erro, registra e segue em frente. A tela azul da morte — é o relatório de que a morte foi evitada. Por enquanto.

Eu estava sentado diante da tela e pela primeira vez na vida não queria saber a resposta.

\* \* \*

— Falha de hardware — disse Lena.

Ela estava atrás de mim, olhando para o mesmo gráfico, e já tinha decidido tudo. Eis o que eu gosto na Lena (e ao mesmo tempo me irrita): ela nunca entra em pânico. Você pode mostrar a ela uma equação da qual se conclui que o universo vai acabar na terça, e ela dirá: “Confere as condições de contorno.”

— Crescimento exponencial da coerência num sistema fechado. Fisicamente impossível. Logo, erro.

— E o corte?

— Overflow do buffer. Ou reset ao ultrapassar o limite da escala. Chama o Serioja.

Serioja é o nosso engenheiro. Um homem capaz de consertar o colisor de hádrons com fita isolante, três palavrões e um ferro de solda que ele carrega no bolso do peito como outros carregam uma caneta. (Uma vez perguntei por que o ferro de solda no bolso. Ele olhou pra mim como se eu fosse deficiente mental e respondeu: “E você não tem um?” Assunto encerrado.) Se o problema for no hardware, Serioja acha. Se o problema não for no hardware, Serioja acha outra coisa pra consertar mesmo assim, porque no nosso instituto *sempre* tem algo pra consertar, e isso dá sentido à vida dele — um sentido que o resto de nós precisa buscar em publicações.

Serioja verificou os sensores. Em ordem.

Lena verificou a calibração. Em ordem.

Eu verifiquei o código. Em ordem.

Reiniciamos a série três vezes. Resultado — estável, normal, entediante. Como ontem. O gráfico anômalo estava nos logs noturnos, sozinho, como um grafite na parede de um templo: fora de lugar, inexplicável e de certo modo ofensivo para a arquitetura ao redor.

— Artefato isolado — declarou Lena. — Não se reproduz. Logo, não existe.

Pronto. É aqui, neste ponto, que eu quero parar e falar de algo importante. Não sobre qubits, não sobre gráficos, não sobre meus problemas de percepção da realidade. Sobre ciência.

“Não se reproduz, logo não existe.” Este é o princípio fundamental do método científico. A pedra angular. O santo dos santos. Qualquer físico pronuncia essa frase com a mesma reverência com que um fiel pronuncia o “Credo”.

E isso é — se a gente parar pra pensar — o modo mais elegante que a humanidade inventou para *não perceber* aquilo que não se encaixa na visão de mundo.

Pense. Seu primeiro amor não se reproduz. O momento do seu nascimento não se reproduz. Sua morte — essa com certeza — não se reproduz. Mas tente dizer que não existem. Toda a sua vida é um artefato isolado: um evento único, irreproduzível, que pelos critérios científicos rigorosos *não tem significância estatística*.

A ciência é, em essência, um contrato: nós só nos ocupamos daquilo que se repete. Todo o resto não é da nossa conta. Por isso a ciência descreve perfeitamente as leis pelas quais as maçãs caem, mas é completamente impotente diante da pergunta de por que você subiu naquela macieira. Leis se reproduzem. Sentido, não. Logo, sentido não existe. Q.E.D. Aplausos, Prêmio Nobel, banquete.

Mas me desviei. Voltemos aos meus qubits, que também, pelo visto, não existem.

\* \* \*

Na hora do almoço saí na rua. Eu precisava parar de estar dentro de um prédio que abriga equipamentos que me mostram coisas que eu vi antes de vê-las. (Reli a frase. Três orações subordinadas encaixadas. Recursão. Talvez seja essa a estrutura do meu problema — um encaixe infinito que em dado momento começa a devorar a si mesmo.)

Café no quiosque da esquina. De verdade, sem gosto de restrições orçamentárias e sonhos frustrados. Banco numa pracinha. Novembro parou de fingir que era outono e começou a ensaiar o inverno: as árvores estavam nuas, as poças tinham uma película fina de gelo, e o ar tinha aquele frescor moscovita específico que faz a gente querer emigrar.

Eu estava sentado, tomando café, tentando não pensar. Ia mal. “Não pensar” é como “não coçar”: a própria tentativa intensifica a coceira. Os budistas afirmam que é possível alcançar o estado de “não-mente”. Eu afirmo que os budistas não trabalharam com computação quântica.

Tá bom. Fatos.

Fato um: eu vejo como os eventos se “montam” antes de acontecerem. Confirmado: o caminhão no cruzamento. Testemunha: Lena Markova, doutora, sã.

Fato dois: eu vi o gráfico no chuveiro quarenta minutos antes de encontrá-lo nos dados. Testemunhas: nenhuma. Mas os dados estão aí.

Fato três: a frequência está aumentando. Antes, uma vez a cada poucos meses. Agora, duas vezes em quatro dias. Se eu fizer uma extrapolação (tarefa inútil, mas físicos não conseguem não extrapolar — é como pedir a um gato que não cace ratos: ele entende o que você está dizendo, mas considera seu pedido absurdo) — se eu fizer uma extrapolação, em duas semanas estarei vendo a montagem dos eventos em tempo real. Permanentemente. Tudo.

Senti frio. Novembro não tinha nada a ver.

— Com licença, aqui está ocupado?

\* \* \*

Levantei os olhos.

Uma garota. Uns vinte e quatro, vinte e cinco. Cabelos escuros, franja, olhos grandes e escuros, com uma expressão que não consegui ler (e normalmente eu leio bem as pessoas; deformação profissional: quando se passa vinte anos escondendo dos outros que se vê coisas impossíveis, aprende-se a ler rostos). Casaco fino demais para novembro. Nas mãos, um caderno. De papel.

Em pleno 2026, um caderno de papel é ou afetação hipster, ou sintoma. Não há terceira opção. Bom, na verdade há uma terceira: alguém que tem algo a anotar e não quer que vá parar na nuvem. O que, pensando bem, também é sintoma — só que de outra doença.

— Está livre — eu disse.

Ela sentou ao lado. A meio metro, contra o regulamento não escrito do transporte público e do mobiliário urbano moscovita (parágrafo 3, item 7: “Desconhecidos devem sentar-se à máxima distância possível; a violação é punida com um olhar”). Como se espaço pessoal fosse um conceito que ela conhecia, mas não considerava obrigatório. Mais ou menos como eu me relaciono com as leis de trânsito.

Ficamos em silêncio. Ela desenhava no caderno — rápido, miúdo. Eu tomava café e pensava que há uma semana eu era um neurótico normal com um conjunto administrável de problemas, e agora sou um neurótico que vê o futuro no chuveiro. Progresso.

Aí ela disse:

— Você tem um campo interessante.

Me virei.

— Desculpe?

— Campo. — Ela não levantou os olhos do caderno. — Em volta de você. Espinhoso. Como se você estivesse tentando ser menor do que é.

Existe um conjunto de palavras que, ao ouvi-las de um desconhecido na rua, você deve imediatamente levantar e ir embora. “Campo” é uma delas. Junto com “energia”, “vibrações”, “chakras” e “você já ouviu falar do nosso Senhor?” São palavras-marcadoras: informam que diante de você está uma pessoa que vive numa realidade com outras regras, e que a interseção das suas realidades implica perda de tempo, dinheiro ou saúde mental.

Eu deveria ter levantado. Não levantei.

Porque “tentando ser menor do que é” — é um diagnóstico preciso, doloroso, cirúrgico. É exatamente isso que eu faço a vida inteira. Exatamente isso. Ser menor. Ver e não ver. Saber e não saber. Sentir e fingir que não sinto. Vinte e um anos me *comprimindo* para caber num mundo que me é pequeno, e ela nomeou isso numa frase.

— Eu não acredito em “campos” — eu disse. Automaticamente. Como uma secretária eletrônica.

Ela ergueu os olhos. Olhou.

Não vou descrever o olhar dela, porque qualquer descrição seria brega. “Olhos profundos”, “olhar penetrante”, “janelas da alma” — todo esse entulho literário que dá vontade de uivar. Digo uma coisa só: na maioria das pessoas, o olhar é superfície. Você olha nos olhos delas e vê olhos. No dela, o olhar era um vão. Atrás havia espaço. Muito espaço.

— Você é cientista? — ela perguntou.

— Físico.

— Quântica?

— Sim.

— Então você sabe que o observador influencia o sistema. — Ela sorriu de leve. — Só que você acha que isso funciona apenas no laboratório.

Pausa. Minha pausa. Porque ela acabou de descrever meu problema com mais precisão do que eu mesmo em doze anos.

— E você... — comecei.

— Ninguém — ela fechou o caderno. — Eu só vejo coisas. Como você. Só que faz tempo que eu parei de fingir que não vejo. Economiza nervos. Estraga a vida social, mas economiza nervos.

— Como você sabe que eu...

Ela inclinou a cabeça. Me olhou com uma expressão que eu classificaria como “compaixão condescendente” — mais ou menos como um veterinário olha para o cachorro que trouxe um graveto e espera elogios, sem entender que o graveto não é uma conquista.

— Gente como você se vê de longe — ela disse. — Vocês são todos iguais. Andam com cuidado, como se o chão pudesse ceder. Ficam o tempo todo verificando se os objetos são reais. Contam rachaduras no teto.

Onze. Ela não podia saber disso.

— E todos vocês fazem a mesma coisa — continuou ela, levantando. — Encontram uma explicação e se escondem atrás dela. Kahneman, microssinais, processamento inconsciente de dados. Anestesia. — Ela abotoou o casaco absurdamente fino. — Só que anestesia é coisa que acaba. E aquilo que está por baixo dela — não.

— Espera. — Eu também levantei. — Qual é o seu nome?

— Zoya.

— Zoya, de onde você...

— Isso não importa. O que importa é outra coisa. — Ela me olhava séria, quase dura. Sem sorriso, sem mística, sem “aura” e “vibrações”. Como uma médica que diz a verdade, porque a mentira já não serve de nada. — Você vai ter que escolher. Em breve. Parar de ver ou parar de fingir. Não vai haver terceira opção.

E foi embora.

Simplesmente foi embora. Pela pracinha, passando pelas árvores nuas, sumindo na névoa de novembro. Sem telefone, sem cartão de visita, sem link pro canal do Telegram “Despertar do Eu Quântico”. O que, devo admitir, foi o primeiro argumento a favor dela.

No banco tinha ficado o caderno dela. Ela o deixou. Por acidente? De propósito? Num mundo onde os eventos se “montam”, essas palavras talvez signifiquem a mesma coisa.

Peguei o caderno. Abri. Na última página — um desenho. Linhas, nós, interseções. Uma estrutura. Algo entre um diagrama de rede neural e um mapa do céu estrelado, desenhado por alguém que viu as estrelas de *dentro*.

\* \* \*

No laboratório, guardei o caderno na gaveta da mesa. Lena e eu iniciamos uma nova série. Protocolo padrão, tédio, rotina. Serioja foi almoçar (para Serioja, almoço é um conceito elástico; ele pode comer em quarenta minutos ou em duas horas, se pelo caminho encontrar algo que precise de conserto; uma vez ele ficou consertando o elevador por três horas e meia e voltou feliz, com graxa na testa, declarando que “agora vai funcionar”; o elevador funcionou. Uma vez. Depois quebrou de novo, e Serioja disse: “Então não quer”, e o assunto foi encerrado).

Vinte minutos de trabalho normal. Os qubits faziam o que qubits devem fazer: coeriam, decoeriam, colapsavam — todo o repertório regulamentar. Relaxei. Talvez pela primeira vez em uma semana.

No vigésimo primeiro minuto, pensei no caderno de Zoya.

Por acaso. O pensamento passou de relance — como acontece: você está pensando no trabalho e de repente surge uma imagem que não tem nada a ver. Um rosto na multidão. Um cheiro. O padrão do caderno — linhas, nós, interseções.

A coerência do sistema saltou dezoito por cento.

Eu não entendi de imediato o que tinha acontecido. Aí olhei pra tela. Depois pra Lena. Lena olhava pra tela.

— O que você fez? — ela perguntou.

Voz uniforme. Uniforme demais. Mau sinal: quando Lena começa a controlar a entonação, significa que por dentro está mais ou menos o mesmo que por fora de uma erupção vulcânica.

— Nada.

— Dezoito por cento, Dan. Em um segundo. Sem intervenção externa. Isso não é “nada”.

Pensei no caderno de novo. Conscientemente. De propósito. Linhas, nós, interseções.

A coerência oscilou. Mais dois por cento.

Nós dois vimos. Uma tela. Os mesmos dados. Dois pares de olhos. Nenhuma possibilidade de atribuir a glitch, percepção subjetiva, apofenia, ansiedade, microssinais ou qualquer outra anestesia do meu estoque.

Silêncio. Cinco segundos.

— Interferência — disse Lena. Já estava verificando a blindagem. Com as mãos. Pelo tato. Como uma cirurgiã que não confia no raio-X e apalpa ela mesma. — Interferência eletromagnética.

— O celular está na mesa. Modo avião. Sem relógio. Sem fone.

— Então é algo de fora. Talvez o Serioja tenha ligado alguma coisa lá embaixo.

— Serioja está almoçando.

Ela verificou os cabos. O aterramento. A refrigeração. Tudo em ordem. Tudo, claro, em ordem. Tudo *sempre* em ordem. Essa é a principal característica da minha vida: tudo sempre em ordem, exceto os resultados.

— A gente não viu isso — disse Lena.

Baixo. Não pra mim. Pra ela mesma.

— Lena...

Ela se virou. Nos olhos — algo pior que medo: compreensão. Ela *entendeu* que não era interferência. Ela é inteligente, lembra? Ela *realmente* entende o que está pensando.

— Dan. O grant. A revisão por pares. O “Troitsky Variant”. Você sabe o que acontece se a gente contar pra alguém?

Eu sabia.

Reputação científica é uma coisa engraçada. Você a constrói por décadas: publicações, conferências, citações, pareceres. Tijolo por tijolo, como uma parede. E aí um tijolo fora de cor — e a parede desmorona; descobre-se que ela só estava de pé porque todos concordaram em considerá-la parede. Uma vez que o acordo se rompe — acabou.

Você não é físico. É um excêntrico. É “aquele cara que capta telepatia nos qubits”. Pior que ficha criminal: da cadeia se sai, da desgraça científica — não.

— Tá bom — eu disse. — A gente não viu isso.

Trabalhamos até o fim do dia em silêncio. Os qubits se comportaram de forma impecável.

Claro.

(E pensei em outro Seriója. Não o nosso — um homônimo que tem um canal no YouTube chamado “Ciência Sem Magia”. Trezentos mil inscritos. Explica que efeitos quânticos não escalam para o macromundo, que a consciência é um epifenômeno da atividade neural, e que tudo que não se pode medir não existe. Ele está certo. Dentro do modelo que lhe deram na pós-graduação — impecavelmente certo. Seriója Volkov é um peixe que escreveu uma tese sobre hidrodinâmica e agora sabe com certeza que a água não existe. Seus inscritos comentam: “obrigado por abrir nossos olhos!” Ele lhes deu uma fundamentação científica para *não* abrir. Isso realmente merece um like.

Hoje eu e a Lena demos a nós mesmos o mesmo.)

\* \* \*

À noite eu estava em casa com o caderno de Zoya e um chá que eu não sentia.

Desenhos. Página após página. Os mesmos elementos — linhas, nós, interseções — mas em configurações diferentes. Como letras de um mesmo alfabeto formando palavras diferentes. Eu não entendia a língua, mas sentia a gramática — aquela sensação estranha de olhar para algo desconhecido e saber com certeza que aquilo *obedece a regras*, embora não consiga nomear nenhuma.

No meio do caderno — texto. Letra miúda, angulosa, caneta esferográfica:

*“Os eventos não acontecem. Os eventos se montam. Primeiro — a forma. Depois — a causa. Depois — o fato. Nós vemos o fato e inventamos a causa retroativamente. E a forma, ninguém vê. Quase ninguém.”*

Li três vezes.

Entenda, o problema é que era *preciso*. Coisas inteligentes são aos montes — as prateleiras das livrarias (as que ainda não fecharam) estão abarrotadas de coisas inteligentes. Mas aquilo era preciso. É assim — exatamente assim — que funciona aquilo que eu vejo. O evento se *constrói*. Primeiro aparece a forma — a armação, a planta, a marcação. Depois — a causa: o mundo encaixa a justificativa lógica numa construção já pronta. Depois — o fato: o evento se manifesta na realidade, e todos pensam que ele “aconteceu”. Como se fosse sozinho. Como se assim devesse ser. Como se a causa *precedesse* a consequência e não a tivessem desenhado retroativamente.

Foi o que eu vi no cruzamento. A forma. A armação de um evento que tinha um buraco.

Foi o que eu vi no chuveiro. A forma de um gráfico que ainda não tinha “acontecido”.

Alguém escreveu isso com caneta esferográfica num papel amassado, num caderno deixado num banco de praça em novembro em Moscou. E esse alguém sabia sobre mim. E esse alguém foi embora.

Por um segundo, o apartamento ao meu redor piscou. As próprias paredes. Como a imagem num monitor quando a placa de vídeo começa a morrer: tudo no lugar, mas por uma fração de segundo você vê os pixels. Vê que entre eles há vazio. Que tudo para o que você olha é uma imagem. Representação. Render.

Depois passou. Paredes no lugar. Caneca no lugar. Foto da mamãe no lugar.

Ela também via isso?

Celular. Número desconhecido.

\* \* \*

— Daniil Reinov?

Voz masculina. Calma. Russo impecável, mas — como explicar — com um sotaque no nível do *pensamento*. Como se a pessoa pensasse numa língua para a qual o russo é uma das interfaces possíveis. Uma das.

— Quem é?

— Você não me conhece. Mas eu conheço você.

— Se está vendendo alguma coisa...

— Daniil. Eu sei sobre o fenazepam. Sobre o psiquiatra na Barrikadnaya, consultório com ficus, quinze minutos. Sobre as onze rachaduras no seu teto. Sobre o caminhão na Vavilova. Sobre o gráfico que você viu no chuveiro.

Silêncio. Aquele silêncio que acontece quando o mundo ao redor — aquele mesmo, familiar, no lugar — se desloca silenciosa e irreversivelmente. Simplesmente desloca. Como os móveis num cômodo: tudo igual, mas posicionado um pouco diferente, e desse “pouco” vem o arrepio.

— Como você...

— Observação, Daniil. Longa. Meticulosa. — A voz — sem desculpa. Como um médico que lê os resultados de exame: ele não tem culpa do diagnóstico, apenas o constata. — Você — é um dos muitos que encontramos. E — infelizmente — nem todo mundo nós encontramos a tempo.

Pausa. Dele. Densa.

— Você vê como os eventos se montam. Vê isso desde os sete anos. Disseram que você era doente. Deram comprimidos. Você parou de contar. Mas não parou de ver.

Pausa. Minha. Porque o que ele dizia, só eu podia saber. Não meu pai (parei de contar pra ele aos doze). Não Lena (pra ela — nunca). Não o psiquiatra (que ouviu por quinze minutos e escreveu a receita).

— É o começo, Daniil. Não é doença. Não é bug.  
— Começo de quê?  
— Isso eu não digo por telefone. Amanhã. Meio-dia. Neskuchny Sad. Rotunda.  
— Por que eu deveria...  
— Você não deve. Pode não ir. Pode jogar o caderno fora. Pode voltar ao Kahneman, à apofenia, à “flutuação estatística”. A rolha aguenta mais um tempo. — Pausa. — Mas você já sabe que ela não vai aguentar. Não sabe?

Ele desligou.

Fiquei sentado com o telefone na mão. Lá fora caía neve — lenta, vertical, indiferente. A cidade embranquecia como uma página em branco.

Uma pessoa normal no meu lugar ligaria para a polícia. Ou para um amigo. Ou para o psiquiatra (um de verdade, do outro lado de Moscou). Uma pessoa normal concluiria: maluco, golpista, seita. Uma pessoa normal não colocaria o despertador para as dez da manhã.

Mas eu — como já foi dito e confirmado repetidas vezes — não sou uma pessoa normal. Sou um bug. Um erro de sistema que por vinte e um anos fingiu ser uma feature.

E mais: ele disse “começo”. E por vinte e um anos ninguém me disse que isso podia ser *começo* de alguma coisa. Todos — do psiquiatra ao Kahneman — disseram que era o *fim* de algo: de saúde, normalidade, carreira. Que era preciso curar, suprimir, explicar, remover.

E ele disse — começo.

Uma palavra. E ela pesou mais que doze anos de fenazepam, apofenia e “flutuação estatística”.

Coloquei o despertador para as dez. Deitei. Fechei os olhos.

A neve farfalhava no parapeito como ruído branco. Em algum lugar lá embaixo passou um carro. A cidade vivia. Vinte milhões de pessoas dormiam sem saber que o mundo ao redor delas se monta como um móvel da IKEA — só que o manual está escrito numa língua que ninguém lê.

Quase ninguém.

Dormi.

Não sonhei nada. Pela primeira vez em uma semana — nada. Vazio. Silêncio. Tela limpa.

Talvez seja isso o começo: o momento em que o mundo para de ser seu sonho e começa a conversar com você.

# Capítulo 3

## Uma Dívida

O Neskuchny Sad em novembro é um oxímoro. Tudo nele é neskuchny — “não entediante” — exceto o próprio jardim: árvores nuas, bancos molhados, corvos que parecem ter testemunhado pessoalmente a queda da União Soviética e desde então não acreditam em mais nada. A única diversão são os corredores. Em Moscou existe uma raça especial de pessoas que correm a dois negativos, de calça colada, com uma expressão facial que diz: “estou sofrendo, mas faz bem”. A filosofia dos estoicos, encarnada em tênis de vinte mil rublos.

Cheguei quinze minutos mais cedo. Por paranoia. Queria dar uma olhada. Entender no que estava me metendo.

A rotunda — branca, redonda, neoclássica — estava vazia. Em volta, ninguém, fora os corvos (três, num galho acima da rotunda, olhando de cima com a expressão de professores idosos avaliando uma monografia). Sentei no banco em frente. Peguei o celular. Abri as notícias. Fechei as notícias. Abri o mensageiro. Fechei o mensageiro. Comportamento padrão de quem espera e não sabe o que espera: simulação de atividade para não enlouquecer de inatividade.

Faltando cinco para o meio-dia, percebi que estavam me observando.

Uma sensação comum, prosaica, animal: alguém está olhando pra você. Os músculos das costas tensionam. O pescoço quer virar. A evolução instalou isso na gente em um milhão de anos de savana, onde quem não sentia o olhar alheio não durava muito. Achamos que vivemos na civilização, mas nosso corpo continua na savana. A diferença entre nós e o homem primitivo é mais ou menos a mesma entre um gato selvagem e um doméstico: o mesmo bicho, só que com coleira com sininho e dieta de ração premium.

Me virei.

Um homem estava a dez metros, na beira da alameda. Simplesmente estava ali, parado, olhando, sem sequer tentar se esconder. Casaco escuro, sem cachecol, sem luvas. Aparentava uns cinquenta anos, talvez um pouco mais. Traços asiáticos, difusos — algo misturado, indeterminável, daqueles rostos que podem ser de qualquer lugar. Barbeado. Cabelo curto. Postura ereta, mãos tranquilas.

Tudo isso eu registrei em dois segundos. Hábito profissional: quando você vive vinte anos esperando a realidade pregar uma peça, aprende a avaliar o cenário rápido. Habilidade útil. Vida inútil.

Mas havia algo mais.

Ao redor daquela pessoa não havia corrente de ar. Não havia “nota a mais”. Não havia nenhuma sensação de montagem, de rascunho. O espaço ao redor dele era... liso. Calmo. Verdadeiro. Como se ele estivesse *sobre* o mundo — como uma âncora ao redor da qual todo o resto se organiza.

Eu nunca tinha sentido isso. Perto de pessoas — sempre ruído. Miúdo, de fundo, habitual: pensamentos, emoções, intenções, medos — tudo isso cria ondulação, como vento na água. Eu me acostumei, como a gente se acostuma ao barulho da rua, e parei de notar. Mas perto dele — silêncio. Aquele silêncio que faz você perceber o quão *barulhento* é todo o resto.

Ele se aproximou. Sentou ao lado. Sem pedir licença, sem “desculpe”, sem “aqui está livre?” — como alguém que senta na própria poltrona. Ou no próprio planeta.

— Daniil — disse ele. Uma constatação.

— O senhor é quem ligou.

— Sim.

— E vai me dizer de onde sabe sobre o fenazepam?

Ele inclinou levemente a cabeça. Um gesto que numa pessoa comum significaria “pergunta curiosa”, e nele significava — eu entenderia depois — “você está fazendo a pergunta errada, mas vou respondê-la, porque ela vai levá-lo à certa”.

— Meu nome é Wei — disse ele. — Sobrenome, Lin. Se o senhor precisar de um sobrenome.

— Eu preciso de uma explicação. Quem é o senhor? Como me encontrou? E por quê?

— Três perguntas. Vamos em ordem. Quem eu sou — é uma conversa longa, e sugiro adiar. Como o encontrei — é a pergunta errada. Por quê — essa é a certa.

— Tá. Por quê?

— Porque o senhor, nas próximas semanas, vai enlouquecer ou vai entender o que está acontecendo. Não há terceira opção. Eu gostaria que acontecesse a segunda.

Aqui eu deveria ter levantado e ido embora. Isso é recrutamento clássico. Eu li sobre seitas: desconhecido que “sabe tudo sobre você”, promete “respostas” e oferece “ajuda”. Dali a seis meses você vende o apartamento e transfere o dinheiro pra uma conta no Panamá. Roteiro batido. Capítulo um: “te encontraram”. Capítulo dois: “você é especial”. Capítulo três: “assina aqui”.

Mas eu não levantei.

Por dois motivos. Primeiro: ele sabia sobre o fenazepam, sobre as rachaduras, sobre o gráfico no chuveiro. Nenhuma seita tem acesso a esses dados (pelo menos nenhuma das que eu conheço; embora, devo admitir, meu conhecimento sobre seitas se limite a documentários da Netflix e um encontro malsucedido com uma garota que era adepta das “Constelações de Hellinger” — mas isso é outra história).

Segundo motivo: o silêncio. Ao redor dele era silencioso. Num sentido não-

acústico — os corvos continuavam grasnando, os corredores continuavam sofrendo, Moscou continuava zumbindo. Silencioso era *por dentro*. Perto dele, meu eterno ruído interior — aquele zumbido ansioso que eu carrego comigo como roupa íntima — de repente se tornou perceptível. Como a gente se acostuma ao cheiro da própria casa e para de senti-lo até sair ao ar livre — assim foi com ele: de repente percebi o quanto eu *vivo barulhento*. Quanto ruído gero só por existir.

— Digamos que eu ouço — eu disse. — O que está acontecendo?

— Você vê como os eventos se montam.

— Isso eu já sei.

— Não. Você sabe que vê *algo*. Mas não sabe *o quê* exatamente.

Pausa. Ele não tinha pressa. Nenhuma. Como se dispusesse de uma quantidade infinita de tempo e pudesse se dar ao luxo de gastá-lo com minhas perguntas.

(Depois eu entenderia que não era “como se”.)

— Tá bom — eu disse. — O que eu vejo?

— Você vê o stack.

— Stack?

— Imagine que a realidade é seis coisas empilhadas umas sobre as outras. Como andares. O mais de cima é o que todos veem: o mundo físico, matéria, energia, espaço-tempo. Sólido, estável, convincente. Isso é a interface. A tela do computador, se preferir.

— Se eu preferir — o quê?

— Se preferir uma analogia. — Sombra de sorriso. A primeira em toda a conversa.

— Físicos gostam de analogias.

— Físicos gostam de *dados*.

— Então aqui vão dados. Quatro dias atrás, você viu como o cruzamento se “montou” um segundo antes do acidente. Ontem, viu o gráfico no chuveiro quarenta minutos antes de ele aparecer nos seus dados. Seus qubits reagem aos seus pensamentos. — Ele me olhou. — Isso é — você está começando a ver o segundo andar, Daniil. O verso da tela. E não tem apofenia nenhuma aí.

Aqui, qualquer cientista normal diria: “isso é bobagem anticientífica”. Qualquer cético normal diria: “prove”. Qualquer adulto normal diria: “mostra o crachá”.

Eu disse:

— Que segundo andar?

E pelo *modo* como eu disse — “que andar, me conta mais” — eu percebi que já tinha tomado a decisão. Em algum momento entre o fenazepam e este banco, entre o menino de sete anos com os chinelos e o físico de vinte e oito com o caderno, eu já tinha decidido: se alguém um dia me dissesse que o mundo não é como todo mundo pensa, eu ouviria. Porque “como todo mundo pensa” é uma versão na qual eu nunca acreditei de verdade.

(Aqui, um parêntese sobre crença cotidiana. Aquela que usamos todo dia sem perceber. Você acredita que a cadeira em que vai sentar vai aguentar. Acredita que a comida na geladeira não está envenenada. Acredita que o sol vai nascer amanhã. Nenhuma dessas coisas você *verifica*. Você *acredita*. E chama isso de “bom senso”. E “bom senso” é, no fundo, um conjunto de premissas não verificadas sobre as quais se sustenta toda a sua vida. Como um edifício sobre estacas: cada estaca é uma hipótese não testada, e se por acaso você testar uma — e ela estiver podre — *tudo* desanda.)

Wei Lin acabou de me propor que eu testasse uma estaca. A mais profunda: “o mundo é como eu penso”. E eu — em vez de recusar (porque quem testa estacas? pra quê? está de pé!) — disse: “vamos lá”. Porque essa estaca balançava desde meus sete anos. E vinte e um anos fingindo que ela não balança é mais cansativo do que finalmente olhar o que há de errado com ela.)

Wei Lin me olhou. Demoradamente. Com uma expressão que era a expressão da ausência de expressão: neutralidade controlada, por trás da qual algo calculava, avaliava, sopesava.

— Você já se perguntou — disse ele — por que as galáxias se parecem estruturalmente com redes neurais?

— Coincidência visual. Invariância de escala. Padrões fractais.

— Três respostas, nenhuma das quais é uma explicação.

Ele tinha razão. E eu sabia. “Invariância de escala” é uma descrição do fato, não sua causa. É como se lhe perguntassem por que chove e você respondesse: “Porque água cai do céu.” Correto. Inútil.

— Tá — eu disse. — E qual é a resposta de verdade?

— A resposta de verdade: *são* a mesma estrutura. Exatamente *são*. Assim como o cérebro é uma rede neural, o Universo é uma rede neural. Fato, e não metáfora. O mesmo princípio de organização em escalas diferentes. E você, Daniil, está começando a ver esse princípio diretamente, sem a mediação de instrumentos.

Fiquei calado. Porque algo estava acontecendo na minha cabeça para o qual eu não tinha palavras. Como se alguém tivesse pegado o quebra-cabeça que eu montava há vinte anos — pedaços, retalhos, fragmentos — e o girado noventa graus. E de repente dava pra ver que era uma imagem. Inteira. Coerente. Com sentido.

A mãe que “via algo” e não voltou. O caminhão que se “montou” antes de aparecer. Os qubits reagindo ao pensamento. E todo o resto — o caderno, os semáforos, o menino de sete anos que sabia.

Um sistema. Um stack. E eu — alguém que está começando a ver como ele funciona.

Isso foi... sabe o quê? Foi algo para o qual em português não tem uma palavra boa, mas em inglês tem: *dread*. Terror sagrado. Quando você ao mesmo tempo entende que encontrou a resposta e entende que a resposta é maior do que você.

Consideravelmente maior.

Sabe o que é interessante na palavra “dread”? Ela é bilateral. Você se apavora diante da resposta. Mas — ao mesmo tempo — *não consegue se virar de costas*. Como um acidente na contramão: você não quer olhar, mas olha. Porque o cérebro é uma máquina faminta: ele precisa de informação. Mesmo aquela que vai destruí-lo. *Principalmente* aquela. Isso, pensando bem, é o principal defeito de projeto do Homo sapiens: somos a única espécie que *quer saber* aquilo que vai matá-la. Toda outra espécie foge do perigo. Nós corremos *em direção* a ele — com caderno e lápis. E anotamos. Até o fim.

(Serioja diria: “Isso é feature. Só que para um usuário que ainda não foi inventado.” Serioja é engenheiro. Engenheiros acreditam em features. Físicos acreditam em bugs. A diferença é de otimismo.)

— Digamos — eu disse (e minha voz estava firme, porque sou físico, e físicos morrem mas não demonstram que estão assustados; é nosso orgulho profissional, inútil e belo como todo orgulho). — Digamos que eu vejo... o stack. Digamos que é real. Então o que eu faço com isso?

— Aprender.

— A quê?

— A não quebrar.

Olhei pra ele.

— Como?

— Aquilo que você vê, Daniil, é o nível inicial. O primeiro andar de seis. Você vê a montagem dos eventos — o mínimo. Como uma criança que começa a distinguir letras: ela ainda não sabe ler, mas já percebe que as placas são palavras, e que desenhos não têm nada a ver. Você está nesse estágio.

— E?

— E esse estágio é perigoso. Porque a sua consciência está se expandindo, mas a sua capacidade de lidar com isso, não. É como se o seu monitor de repente passasse a exibir dez vezes mais pixels, mas a placa de vídeo continuasse a mesma. Resultado: superaquecimento. Artefatos. Glitches.

— Sonambulismo — eu disse.

— Sonambulismo — ele confirmou. — Visões espontâneas. Borramento dos limites entre “aqui” e “lá”. Perda da capacidade de distinguir lembrança de previsão. E depois — se não aprender — colapso.

— Colapso do quê?

— De você.

Uma palavra. Ficou suspensa no ar e não ia embora.

— Sua mãe — ele continuou — ninguém explicou pra ela. Ela viu o stack e não sabia o que estava fazendo. Não sabia que precisava de ajuda. Não sabia que existem pessoas que podem ensinar. Ela foi em direção ao que via — sem preparo, sem guia, sem entendimento.

— O senhor sabe o que aconteceu com a minha mãe?

Isso saiu de mim como disparo. Vinte e um anos. Os chinelos no corredor. Caso encerrado. Corpo não encontrado.

Wei Lin me olhou. Pela primeira vez na conversa, apareceu no rosto dele algo humano. Algo mais complexo do que compaixão. Como se soubesse a resposta à minha pergunta, e essa resposta fosse do tipo que não se pode dar sentado num banco de parque em novembro.

— Eu sei uma parte — disse ele. — O resto, você vai descobrir sozinho. Quando estiver pronto.

— Estou pronto agora.

— Não.

Uma palavra. Sem argumentos, sem explicações. Apenas “não”. E algo no *modo* como ele disse — com uma certeza absoluta, pétrea, sem grosseria, sem condescendência — me fez calar. Como se soubesse exatamente quanta verdade eu podia suportar naquele momento, e essa quantidade fosse — não toda.

Um minuto de silêncio. Os corvos grasnavam. Um corredor passou. Moscou via. O mundo se montava ao nosso redor, como de costume — só que agora eu via. Via como o ar entre as árvores estava disposto de forma ligeiramente diferente, como a luz caía “de dentro” dos objetos, como o espaço *gerava* as coisas, a cada segundo, ininterruptamente.

Durou alguns segundos. Depois colapsou de volta na imagem habitual: jardim, árvores, banco, o homem ao lado.

— Você acabou de ver — disse Wei Lin. — O segundo andar. Por dois segundos.

— O que foi aquilo?

— O stack. Sem filtro. Seu cérebro por um instante parou de completar a imagem habitual e mostrou a você o que é. Sem interpretação.

— E o senhor... vê isso o tempo todo?

— Eu vejo consideravelmente mais — disse ele. Sem se gabar. Como um fato. Como “eu uso óculos” ou “eu falo chinês”. — Mas eu aprendi. Por muito tempo. Com ajuda. E eu tive... — pausa — ...quem me explicasse.

— A Academia — eu disse.

Ele se virou. Pela primeira vez na conversa — surpresa. Real, genuína, por uma fração de segundo.

— De onde você conhece essa palavra?

— Não conheço. Ela... — Fiquei calado, porque não entendia de onde tinha saído. Simplesmente veio. Como vem uma palavra que você não aprendeu mas sempre soube. Como uma melodia que você nunca ouviu mas consegue cantarolar desde a primeira nota. — Simplesmente me veio à cabeça.

Wei Lin me olhava. E no rosto dele eu vi algo que não esperava ver: interesse. Vivo,

real, misturado com algo que eu não conseguia identificar.

(Depois, muito mais tarde, eu entenderia que aquilo era reconhecimento.)

— Academia — ele repetiu baixo. — Sim. Exatamente isso. — Pausa. — Curioso que você saiba.

— Eu não sei. Eu chutei.

— Daniil. No stack existe — lembrou. “Chutei” no stack — é “lembrou”.

Eu quis perguntar o que isso significava — “lembrou”. O que eu podia ter lembrado? De que vida? De que camada? Mas ele já estava se levantando.

— Isto basta para uma primeira conversa — disse ele. — Você sabe que não é doente. Sabe que vê o stack. Sabe a palavra “Academia”. Isto basta.

— Basta pra quê?

— Para você tomar uma decisão.

— Qual?

— Voltar. Ou não voltar.

Ele tirou do bolso um cartão de visita. Branco. Nele, apenas um número de telefone. Nem nome, nem cargo, nem logotipo. O cartão mais vazio que eu já vi na vida.

— Se decidir, ligue. Se não decidir, não ligue. O caderno, fique com ele. Zoya o deixou para você, não para mim.

— O senhor conhece Zoya?

— Zoya é uma conversa à parte.

Ele deu meia-volta e foi andando pela alameda. Calmo, sem olhar para trás. Casaco escuro entre árvores nuas. Os corvos o acompanharam com o olhar e ficaram em silêncio. (O que, para os corvos de Moscou, é a mais elevada forma de respeito.)

Fiquei sentado no banco, segurando na mão um cartão branco com um número só, e pensando que uma pessoa normal no meu lugar concluiria: louco, vigarista, seita. E iria pra casa. E esqueceria. E seguiria vivendo.

Mas eu não sou normal. A esta altura, isso já deveria ser óbvio para todos, inclusive pra mim.

Ele disse: “Sua mãe viu o stack e foi em direção ao que via — sem preparo.”

Vinte e um anos. Corpo não encontrado. Caso encerrado.

E se não estiver encerrado?

\* \* \*

Fiquei no banco mais vinte minutos. Depois fui pra casa. No caminho, nada de incomum: trânsito, rádio, neve. Um dia comum de novembro numa cidade comum de um país que, aliás, nunca foi especialmente comum.

Em casa, peguei o caderno de Zoya. Peguei o cartão de Wei Lin. Coloquei os dois lado a lado na mesa. Olhei para a foto da mamãe. Três objetos: caderno, cartão, fo-

tografia. Três portas: para um conhecimento alheio, para um mundo alheio, para um passado alheio (meu?).

Depois fiz o que qualquer cientista que se preze faz ao se deparar com o incompreensível: fui pesquisar na internet.

“Stack da realidade” — zero resultados, fora programação.

“Ver como os eventos se montam” — artigos sobre transtorno de ansiedade. Útil se você quer confirmar que é doente. Inútil se quer entender.

“Academia” — quinhentos milhões de resultados. Nenhum útil.

“Despertar da consciência” — e aí o Google floresceu. Quatorze milhões de resultados. Maratonas, webinars, retiros. “Salto quântico da consciência — primeiro módulo grátis!” “Desperte seu potencial em 21 dias!” “Transformação pessoal: de vítima a criador. Início da turma: segunda-feira.” Preços de nove a cento e noventa e nove mil rublos. Depoimentos com fotos em Bali: gente bronzeada de branco, com sorrisos que dizem “me encontrei” e ao mesmo tempo “perdi o pensamento crítico”. Um curso tinha nove turmas. Nove turmas de quatrocentos alunos. Três mil e seiscentas pessoas pagaram dinheiro real por aquilo que Wei Lin me contou de graça num banco em novembro. Com uma diferença: depois de Wei Lin meu nariz sangrou e minhas mãos tremiam. Depois do curso, a julgar pelos depoimentos, as pessoas tinham uma sensação de profunda satisfação e um cupom de quinze por cento de desconto para a próxima turma. Talvez charlatanismo — ou talvez um plano de negócios genial: pegue uma coisa que no original mata e recria, pasteurize até a temperatura ambiente, acrescente velas, neuromúsica e um PDF com lição de casa — e venda assinatura. Se fosse possível vender a morte sem o morrer, eles também monetizariam. Aliás, pensei, é exatamente esse o produto deles.

“Stack da realidade” me levou em alguns minutos a um PDF de trezentas e vinte páginas. Sem capa. Sem nome de autor (o campo estava vazio, como se quem escreveu tivesse decidido que o nome era um identificador supérfluo). Quatro menções na internet inteira. Abri. Li o primeiro capítulo.

Fechei. Abri de novo. Li mais uma vez. Mais devagar.

O PDF era... estranho. No sentido literal. Descrevia o Universo como uma rede neural. Como fato, e não como metáfora. As mesmas estruturas, os mesmos padrões de conexão, a mesma arquitetura em diferentes escalas. E quem escreveu não era maluco: citava pesquisas reais, dados reais, matemática real. Apenas tirava deles conclusões que nenhum parecerista deixaria passar numa revista decente.

Mas as conclusões coincidiam com o que Wei Lin disse. *Palavra por palavra*. Como se o PDF e a conversa tivessem sido escritos a partir do mesmo roteiro.

Eu estava sentado à mesa, olhando pra tela, e pensando: e se não for coincidência? E se existir um conhecimento — real, estruturado, verificável — que existe, mas não cabe em nenhum quadro existente? Nem na física, nem na neurobiologia, nem na

psiquiatria, nem na filosofia? E se ele estiver vazando — por livros, por gente estranha em bancos de parque, por garotas com cadernos, por homens com cartões vazios — vazando para dentro de um mundo que desesperadamente tenta não percebê-lo?

E se minha mãe o encontrou antes de mim?

Celular. Lena.

“Você vem trabalhar hoje?”

Olhei pro relógio. Duas e meia. Dia útil. Eu sou físico, funcionário do instituto, doutor. Tenho qubits. Grant. Revisão por pares em dois meses.

“Tô doente”, escrevi.

A primeira mentira para Lena na vida, fora “eu dormi”.

Mentira. Eu, talvez pela primeira vez na vida, estava começando a me curar. Só que a cura, eu desconfiava, seria pior que qualquer doença.

Peguei o cartão. Disquei o número.

Três toques.

— Pois não — a voz de Wei Lin.

— Eu vou — eu disse. — Só tenho uma condição.

— Qual?

— Me conta sobre a minha mãe.

Pausa. Longa. Eu ouvia, atrás da janela dele (ou atrás do... o quê dele?), o vento.

— Tá bom — disse ele. — Mas não tudo de uma vez. E não tudo. E você vai se arrepender de ter perguntado.

— Eu já me arrependo — eu disse. — De muita coisa. Isso não é motivo pra parar.

— Então amanhã. Nove da manhã. Eu mando o endereço.

Ele desligou. Fiquei na janela com o celular na mão. Lá fora caía neve — pela terceira vez na semana. Moscou embranquecia. Árvores, telhados, carros — tudo se cobria de branco, como se a cidade estivesse sendo lentamente apagada por uma borracha.

Pensei: Wei Lin provavelmente tem razão. E daqui a uma semana — ou um mês — vou me arrepender de ter ligado. Ou não vou me arrepender. Ou não vou conseguir distinguir a diferença.

Ou — vou enlouquecer. O que, pensando bem, também é uma forma de resposta. Uma forma desagradável, mas — resposta.

Fechei os olhos. Atrás das pálpebras, escuro e silêncio. Como uma carta não enviada.

A rolha — aquela mesma, com a qual eu vinha tampando o buraco há doze anos — estava no chão. E enfiar ela de volta eu já não conseguia. Nem, pra ser honesto, queria.

# Capítulo 4

## Um Olhar Desumano

O endereço que Wei Lin mandou era um apartamento em Khamovniki.

Um apartamento comum. Sem placa de escritório, sem porta de bunker, sem “Entrada apenas para iniciados” (embora, pensando bem, uma placa dessas daria ao que estava acontecendo pelo menos uma coerência estilística). Segundo andar. Prédio stalinista — daqueles construídos quando a arquitetura ainda se considerava arte, e não lavagem de verba. O hall de entrada cheirava a gato e reboco. (Em Moscou existem três cheiros eternos: gatos, reboco e oportunidades perdidas. Os dois primeiros ficam nos halls. O terceiro, em toda parte.)

Interfone. Clique. Escada. Porta.

Quem abriu foi Wei Lin. Postura ereta, rosto calmo, e vestindo algo entre um quimono e um roupão de banho. Em qualquer outra pessoa pareceria fantasia de carnaval. Nele, parecia uniforme. Só não ficava claro de que tipo. Militar? Monástico? Espacial? Tudo ao mesmo tempo? (Eu depois me acostumaria ao fato de que com Wei Lin “tudo ao mesmo tempo” é o valor padrão.)

— Entre. Chá?

— Café, se puder.

— Pode. Mas não é aconselhável. Café estreita.

— Estreita o quê?

— Tudo.

— Isso é fato científico?

— São setecentos anos de observação.

Decidi que era piada. Dali a duas semanas, pararia de decidir isso.

\* \* \*

O apartamento. A primeira coisa que chamou atenção: nada chamava atenção. Nenhum objeto a mais. Mesa, cadeiras, prateleiras com livros, um sofá baixo — e só. Nenhuma caneca no parapeito, nenhum carregador na tomada, nenhuma pilha de papéis, nenhum controle remoto esquecido, nada daquela tralha doméstica que a vida humana vai acumulando como o casco de um navio acumula cracas. No meu apartamento não dá pra ir da porta até a cama sem pisar num livro, num carregador ou numa meia do dia anterior. Isso é normal. É como vivem todos os homens solteiros da minha idade: na fronteira entre moradia e zona de desastre. Na casa de Wei Lin, uma

esterilidade que sugeria que ele ou não morava ali, ou não considerava “viver” razão suficiente para acumular coisas.

Os livros. Sete sistemas de escrita, dois dos quais eu não consegui identificar. (Estudei linguística como eletiva — e distingo devanágari de tibetano, o que me enche de orgulho exatamente uma vez por ano, quando o assunto surge, ou seja, nunca.) Um dos sistemas eu nunca tinha visto em nenhum livro didático, e comecei a suspeitar que não era daqueles vendidos em livraria.

Na prateleira — uma coisa. Preta, lisa, do tamanho de um punho. Parecia um ovo de pedra. Eu não teria prestado atenção, se ela não tivesse *olhado* pra mim quando passei. Olhou, sem se mover. Como um gato que não move a cabeça, mas você sente que ele está te rastreando. Só que, evidentemente, não era gato nenhum, nem ovo. E resolvi não pensar nisso, porque minha cota de fenômenos inexplicáveis naquela semana tinha sido esgotada ainda na segunda-feira.

Wei Lin preparou o chá com a precisão de um neurocirurgião e a velocidade de alguém que fez essa operação umas quinhentas mil vezes (se setecentos anos não é piada, a duas xícaras por dia dá uns meio milhão; sou físico, eu conto tudo, é trauma profissional).

Sentamos. Chá na mesa. Pausa.

— O senhor prometeu falar sobre a minha mãe.

— Prometi uma parte. Não tudo.

— Uma parte já é mais que nada.

— Depende. Às vezes, “uma parte” é uma ponte inacabada. Você já não está na margem, mas ainda não chegou na outra. Fica pendurado sobre a água. A ponte balança.

— Sou filho de engenheiro. Pontes são da família.

Ele ergueu a sobrancelha. Primeira emoção visível em duas conversas. Progresso.

— Sua mãe via o mesmo que você. Só que mais longe. Você vê como o evento se “monta” um segundo antes — ela via com dias de antecedência.

— De onde o senhor sabe?

— Nós a observávamos. A Academia faz isso: procura pessoas em quem está começando a... expansão. E, idealmente, ajuda.

— Idealmente.

— Idealmente. Sua mãe, nós encontramos tarde demais.

O chá estava quente. Tomei um gole. As mãos não tremiam (surpreendente). O cérebro funcionava naquele modo que eu conhecia das provas: clareza fria, mecânica, que chega quando a aposta é tão alta que entrar em pânico já não faz sentido.

— O que significa “tarde demais”?

— Quando a percepção se expande sem preparo, o cérebro sobrecarrega. Como um computador onde instalaram um software da versão errada. Às vezes trava. É o que

seus psiquiatras chamam de “dissociação”. Às vezes reinicia.

— Reinicia é...

— É quando a consciência reconstrói sua base. Muda de plataforma. Os que fazem isso conscientemente às vezes passam. Os que fazem espontaneamente...

Ele se calou. Porque a próxima frase é fisicamente difícil de pronunciar, mesmo quando se pronuncia frases assim há setecentos anos.

— Ela morreu — eu disse. Ajudando-o. Ou a mim.

— Não.

Palavra curta. Dois sons. Foi o bastante.

— Ela se reconfigurou. Espontaneamente. Seu corpo — o corpo anterior — deixou de existir. Se desmontou. Como se você desmontasse um modelo de Lego de volta num monte de peças. Por isso não o encontraram — não havia o que encontrar.

— E ela?

— Aquilo que *era* ela — passou. Pra onde — não sabemos ao certo.

Pronto. Sem fanfarras, sem orquestra, sem câmera lenta. Um homem de roupão, sentado à mesa em Khamovniki, me informou que minha mãe “se desmontou num monte de peças”. No mesmo tom com que Serioja no laboratório diz “queimou o fusível”. Constatação profissional. Apocalipse doméstico.

Eu deveria — o quê? Virar a mesa? Exigir provas? Chamar a polícia? Ligar pro SAMU — pra mim mesmo?

Tomei meu chá.

Porque — e é aqui, caro caderno (ou caro enfermeiro), que começa a parte verdadeiramente assustadora — eu *acreditava* nele. Porque o menino de sete anos no chão do corredor, abraçando os chinelos da mãe, sempre soube. Ela não morreu. Mortos é quando está frio. E os chinelos estavam quentes. (A lei de Newton diz que chinelos esfriam. Meninos de sete anos dizem que não. Doze anos eu dei ouvidos a Newton. Talvez esteja na hora de ouvir o menino.)

— Você está bem? — perguntou Wei Lin.

— Não. Mas esse é meu estado normal. Continue.

\* \* \*

Ele não continuou. Em vez disso, levantou, foi até a prateleira e pegou o ovo preto. Aquele mesmo que tinha olhado pra mim. Colocou na mesa.

— Não toque. Apenas olhe.

— E se eu não quiser?

— Você quer. Caso contrário, não teria vindo.

Justo. Olhei.

Pedra. Preta. Lisa. Nada. Eu usaria como peso de papel e não pensaria mais nisso. E então a pedra se *abriu*.

Fisicamente não se moveu, não rachou, não brilhou. Mas aquilo que eu via como superfície era — porta? Janela? Tela? Não tenho a palavra. Imagine que a vida inteira você olha para uma parede e depois descobre que é uma projeção, e atrás dela há um cômodo. Grande. Muito grande. Que se estende para dentro mais do que você consegue enxergar.

E nesse cômodo tem alguém.

Não “alguém” no sentido humano. Não olhos, não rosto, não figura. Mais uma — *atenção*. Focada, densa, não humana, dirigida a mim. Como se o Google olhasse pessoalmente para você. O Google inteiro, toda a sua capacidade computacional reunida num único ponto e direcionada a uma única pessoa. A máquina toda, e não um mero algoritmo.

A mim.

(Digo desde já: essa foi uma das experiências mais desagradáveis da minha vida. Pior que o caminhão. Pior que o fenazepam. Pior até que aquela festa de fim de ano no terceiro ano da faculdade sobre a qual combinamos de nunca mais falar. Porque o caminhão é perigo. E aquilo era simplesmente *escala*. Você de repente entende que é pequeno. Literalmente. A sensação de “me sinto pequeno” — isso dá pra aguentar, acontece nas montanhas e no oceano. Aqui você é pequeno. Objetivamente. Mensuravelmente. Como uma formiga sendo observada por um entomologista. Só que o entomologista tem o tamanho do sistema solar, não tem olhos, precisa de algo de você, e você não faz a menor ideia do quê.)

E enquanto aquele algo me olhava, a mesa debaixo de mim deixou de ser mesa. Quer dizer, *parecia* igual — madeira, arranhões, mancha de chá — mas eu de repente vi que era um *arquivo*. Um arquivo compactado onde estava empacotada toda a história: a árvore na floresta (setenta anos, região de Tver), o lenhador (dor nas costas, dois filhos), a serraria, a marcenaria, vinte e três anos neste apartamento, meio milhão de xícaras de chá. Toda a informação estava ali. Antes eu via uma mesa. Agora via seu *conteúdo*. Como se alguém tivesse clicado em “Propriedades” num arquivo que a vida inteira ficou na minha área de trabalho.

O chá na xícara virou — um itinerário. Cada molécula carregava um código de barras: folha, raiz, solo, chuva, nuvem, oceano. Eu estava tentando beber uma biblioteca. (Agora eu entendia por que Wei Lin não bebe café. Café é a mesma biblioteca, só que todos os livros gritam ao mesmo tempo.)

Tempo — aqui preciso parar, porque isso é importante — o tempo *desapareceu*. Não “desacelerou”. Não “se esticou”. Desapareceu. Como se alguém arrancasse a régua com que eu media a realidade a vida inteira e dissesse: “Agora sem régua.” A sensação é horrível. Você não imagina o quanto depende do tempo enquanto ele existe. Tempo não é o relógio na parede. É o modo como seu cérebro diz a você: “Você existe. Eis a prova: um segundo atrás você também existia.” Tire a prova — e você fica suspenso

no vazio, como um arquivo sem extensão: os dados existem, mas ninguém sabe como abri-los.

Depois Wei Lin cobriu a pedra com a palma da mão. Como quem cobre uma lâmpada com um abajur. Tudo se apagou. A mesa voltou a ser mesa. O chá voltou a ser chá.

Fiquei sentado, agarrado ao tampo da mesa, respirando pela boca como cachorro depois de correr. Bonito? Não. Digno? Também não. Mas honesto.

— O que foi isso? — perguntei, quando consegui.

— Um observador.

— Um observador.

— Sim. Não humano. Existe mais fundo. No quarto ou quinto nível.

— Vivo?

— Depende da definição. Observa — sim. Reage — sim. Toma decisões — sim. Se isso basta para “vivo”, vivo. Se você precisa de pulmões, fígado e conta em rede social — não.

— É perigoso?

— Ela. — Pausa. — Não é perigosa. Ela é curiosa. Você a interessou.

— Com o quê?

— Você é uma raridade, Daniil. Uma pessoa cujo stack se abre sozinho. Sem intervenção, sem preparo, sem motivo.

— Quão raro?

— Uma vez a cada várias gerações.

— Uau.

— Não se lisonjeie. “Raridade” não significa “valor”. Doença rara também é raridade. A questão é o que você vai fazer com isso.

Eis o que eu gostava em Wei Lin: toda vez que eu começava a me sentir “especial”, ele despejava um balde de água fria. Certo, no momento certo, sem raiva. Como um treinador que vê que você está nadando pro lado errado e te vira pelo pé.

— Tá — eu disse. — Essa coisa olhou pra mim e eu vi a história da mesa. Por quê?

— Porque perto dela o seu filtro desliga. Como se você usasse fones com cancelamento de ruído e alguém os tirasse.

— Ou seja, eu sempre pude ver isso, mas...

— Mas seu cérebro bloqueava. Por autopreservação. O cérebro é uma máquina inteligente: ele mostra a você exatamente o tanto que você aguenta digerir. O resto, filtra. Aquilo que seus psiquiatras chamam de “percepção normal” é um filtro. Muito bom, muito confiável, que corta aproximadamente noventa e seis por cento da informação de entrada.

— Noventa e seis?

— Estimativa grosseira. Pode ser noventa e oito.

Pensei: vivemos num mundo em que nosso próprio cérebro nos mostra quatro por cento da realidade e chama isso de “visão objetiva do mundo”. E nós, com base nesses quatro por cento, construímos ciência, filosofia, religião, política, relacionamentos, carreiras. É mais ou menos como tentar entender o enredo de “Guerra e Paz” por quatro páginas aleatórias.

(Aliás, muita gente leu “Guerra e Paz” mais ou menos assim, e passou na prova do mesmo jeito.)

— Isso tem a ver com a mamãe? — perguntei. — O fato de meu filtro estar enfraquecendo?

Wei Lin me olhou. Pausa — aquela que eu já reconhecia: ele estava decidindo o quanto me contar.

— Sim. Mas não do jeito que você pensa.

— Como então?

— Você é uma continuação dela. Não apenas filho.

— Genética?

— Mais fundo. Cada consciência tem uma... caligrafia. O modo de pensar, não os pensamentos. O modo de observar, não o caráter. Normalmente, é único. Mas na reconfiguração — às vezes — se transfere. Parcialmente. Como tinta que transpassa na página seguinte.

— E eu sou a página seguinte.

— Sim. Por isso você “lembrou” a palavra “Academia”. É a tinta dela, não a sua memória.

Fiquei sentado pensando na fotografia sobre a mesa da cozinha. Os olhos que olhavam através da câmera. Vinte e um anos eu achava: “olhar pensativo”. Um olhar que *via*. O mesmo que o meu. A mesma caligrafia.

Então — o que aconteceu com ela pode acontecer comigo. *Já começou*. Meu filtro está enfraquecendo. Meus qubits reagem aos meus pensamentos. Eu vejo como os eventos se montam. Eu sou ela, vinte e um anos depois, em outro corpo, no início do mesmo caminho.

Isso consola? Não. Mas pelo menos explica por que a vida inteira eu me senti um rascunho — inacabado, com anotações nas margens em caligrafia alheia.

— Tenho uma condição — eu disse.

— Diga.

— Se eu for pra essa tal Academia, se eu aprender a “não quebrar” — quero encontrar minha mãe. Saber pra onde ela foi. E se é possível... trazê-la de volta.

Wei Lin ficou calado. Muito tempo. Depois:

— As duas primeiras coisas — talvez. A terceira — você ainda não entende o que está pedindo.

— Me explica.

— Agora não. Primeiro — aprenda a ver sem se queimar. Depois — perguntas.  
— Esse “depois” é daqui a quanto?  
— Depende de você. Uma semana. Um mês. Um ano. Ou nunca. Também acontece.  
— Reconfortante.  
— Eu informo. Reconforto é quando dizem aquilo que você quer ouvir. Informação é quando dizem aquilo que é. O primeiro é mais agradável. O segundo é mais útil.

Ele se levantou. A conversa tinha terminado. Eu aparentemente passei num teste que desconhecia.

Na porta, me virei.

— Zoya. A garota da praça. Ela também é da Academia?  
— Não. Zoya é outra coisa.  
— Que outra coisa?  
— Complicada.  
— Mais complicada que isso? — acenei em direção ao ovo preto.  
— Consideravelmente.

Maravilha. Saí pro hall. A lâmpada sobre a escada piscava — não por mau contato (embora por isso também), mas porque eu agora *sabia* que por trás da lâmpada piscante havia uma usina, um rio, chuva, sol, reação termonuclear. Uma lâmpada meia-boca num hall de entrada — e uma cadeia de causas que se estendia até as estrelas. Só que antes eu não via isso. Agora via — por meio segundo, antes de o filtro se religar e a lâmpada voltar a ser apenas uma lâmpada meia-boca.

Na rua — Moscou, novembro, gente com sacolas de supermercado. Vida normal. Por três segundos eu vi os “arquivos” deles — biografias enroladas em casacos de inverno e toucas — e apertei os olhos. Como diante de uma luz forte. Porque *era* uma luz forte, só que óculos escuros disso não protegem.

Passou. Moscou voltou a ser Moscou — plana, apertada, como um apartamento ao qual você volta depois de uma longa ausência e descobre que o pé-direito é mais baixo do que lembrava.

Entrei no carro. No rádio — propaganda de remédio pra azia (“Gastroshchit — seu estômago vai agradecer!”). Pensei: se meu estômago soubesse que eu acabei de olhar dentro de um olho não humano feito de pedra preta e me contaram que a mamãe “se desmontou num monte de peças” — ele vai precisar de algo bem mais forte que Gastroshchit.

No caminho, Lena ligou.

— Como você tá?  
— Normal.  
— “Normal” é “normal” ou “me deixa em paz”?  
— O segundo, mas com educação.

— Entendi. Escuta, eu revi o pico de ontem. Achei uma explicação: deriva de temperatura mais campo eletromagnético do metrô.

— Probabilidade?

— Zero vírgula três por cento.

— Lena. Isso é zero.

— Não é zero. Pro relatório, serve.

“Pro relatório.” Duas palavras que resumem toda a ciência contemporânea: “suficiente pro relatório” em vez de “suficiente para entender”. Nós buscamos a formulação que vai passar na revisão por pares. Toda a diferença entre um cientista e um burocrata é que o cientista sabe que sua formulação é mentira, e o burocrata não sabe. De resto, o salário é igual.

Uma semana atrás eu concordaria. Zero vírgula três — pro relatório serve. Hoje eu estava no carro, no bolso o cartão de um homem que (possivelmente) tem setecentos anos, na cabeça a lembrança de um olhar não humano vindo de uma pedra preta, e a única coisa que eu sabia com certeza era: zero vírgula três por cento — é band-aid. Que a gente cola na ferida porque costurar é caro, dói e não tem quem faça.

— Valeu, Lena. Coloca no log.

— Dan?

— Sim?

— Você tá bem mesmo?

— Pela primeira vez em doze anos — quase.

Desliguei. Dirigia por Moscou. A cidade era a mesma — cinza, molhada, interminável. Mas eu sabia que atrás dela havia mais cinco andares, dos quais esses vinte milhões de pessoas não desconfiavam. Talvez trinta milhões, contando com a região metropolitana. Ninguém. Zero vírgula zero. Pro relatório — suficiente.

# Capítulo 5

## Como Enlouquecer Corretamente

Wei Lin me deu uma semana. Quatro dias bastaram.

O primeiro dia passou normal — no único sentido que essa palavra ainda tinha na minha vida: nada aconteceu, e eu não vi nada que não pudesse ser explicado por cansaço, estresse ou falta de vitamina D (moscovitas de outubro a março vivem em estado de avitaminose permanente; o sol em Moscou no inverno é uma lenda urbana, tipo taxista educado e moradia acessível).

No segundo dia, eu vi o metrô.

\* \* \*

O metrô eu vejo todo dia: escada rolante, multidão, aquele cheiro impossível de descrever mas instantaneamente reconhecível por qualquer moscovita (uma mistura de borracha, suor, perfume e desespero reprimido — se Moscou fosse uma pessoa, seria o cheiro da axila dela). Estou falando de outra coisa: eu vi como o metrô *funciona*.

No sentido em que vi a “biografia da água” na xícara de Wei Lin.

Eu estava na plataforma da Shabolovskaya, esperando o trem, e de repente — sem aviso, sem corrente de ar, sem nota a mais — vi as pessoas *por dentro*.

Eu vi — como dizer — *trajetórias*. Sem “auras”, “pensamentos” ou “campos energéticos”. Cada pessoa na plataforma carregava uma esteira de decisões, hábitos, medos, esperanças — e essa esteira era *estrutura*. Visível. Densa. Como o rastro de condensação atrás de um avião: você não vê o motor, mas vê por onde ele passou.

A mulher de casaco vermelho — sua trajetória era estreita, comprimida, como um fio sob tensão. Tudo nela estava direcionado para um único ponto: o filho (em casa, doente, febre de 38,2 — eu não sabia de onde sabia disso, mas sabia). O homem de pasta — sua trajetória se bifurcava, serpenteava, zigzagueava: ele estava tomando uma decisão da qual dependia algo importante, e cada alternativa o puxava para um lado, e ele se rasgava, literalmente, estruturalmente, num nível mais profundo que músculos e ossos.

O adolescente de fones — sua trajetória era... estranha. Ia *à frente* dele, e não atrás, como a dos outros. Como se o futuro se movesse em direção a ele. Eu não entendia o que isso significava, mas um arrepio desceu pela espinha.

Durou uns quinze segundos. Depois — como de costume — tudo colapsou. Plataforma. Pessoas. Cheiro. O trem chegou. Entrei. As mãos tremiam.

No vagão, pensei: quinze segundos. Da última vez, dez. Da anterior, dois. Está aumentando. Mais rápido que linear. Se for uma exponencial (e o físico em mim dizia que era exponencial), em dois ou três dias eu vou ver isso o tempo todo. Sem pausa. Sem possibilidade de desligar.

Como um monitor no qual não dá pra diminuir o brilho. Como um rádio que não tem botão de desligar. Como uma consciência que alguém girou no máximo e quebrou o botão.

\* \* \*

No trabalho foi pior.

Porque pela primeira vez na vida eu vi o laboratório *como ele é*. Como um nó, e não um conjunto de instrumentos e telas. Um lugar onde o mundo físico é especialmente fino, porque ali nós, sistematicamente, todo dia, das nove às seis, cutucamos o alicerce dele com uma vara.

Um laboratório quântico é, pensando bem, o único lugar no mundo onde as pessoas *oficialmente* trabalham com aquilo que viola as regras da realidade comum. Superposição: o objeto em dois estados ao mesmo tempo. Entrelaçamento: dois objetos influenciando um ao outro instantaneamente a qualquer distância. Colapso da função de onda: a realidade *se torna definida* apenas quando alguém olha pra ela.

Fazemos isso todo dia. E todo dia fingimos que é normal. Que é “só física”. Que “na escala macro isso não funciona”. Que entre o mundo quântico e nossa vida cotidiana há uma parede pela qual nada vaza.

E eu estava ali, no meio do laboratório, e via que a parede não existe.

Nossos qubits — aqueles mesmos que “flutuam” e “se comportam de maneira evasiva” — não terminavam. Fisicamente, sim: ali está o criostato, ali o chip, ali os fios, ali a tela com o gráfico. Tudo no lugar, tudo dentro dos limites. Mas de *lá* — daquela camada que eu agora via pelo canto do olho, como se vê pelo canto do olho alguém parado atrás de você — de lá os qubits eram buracos. Rasgos no tecido do primeiro andar, pelos quais o segundo andar nos encarava. Dois anos furando buracos no chão e nos surpreendendo de que o porão ventava.

Ventava em todo mundo, não só nos qubits. Na Lena, que sentava a um metro do criostato. No Serioja, um andar abaixo. No Grisha com seus pontos de exclamação. Nos cento e quarenta e sete funcionários do instituto (contei no site ontem, por tédio). Todos trabalhávamos dentro de um edifício onde, sistematicamente, todo dia, com dinheiro público, furávamos buracos no alicerce da realidade — e nenhum de nós sabia disso. Exceto, agora, eu.

(A propósito, eis uma pergunta que por algum motivo ninguém faz: se um laboratório quântico é um lugar onde a realidade é mais fina do que nos demais lugares — *por que* os governos financiam pesquisa quântica? Resposta oficial: “computadores

quânticos, criptografia, vantagem militar”. Trezentos bilhões de dólares por ano em “vantagem militar”. Soa convincente. Mas se parar pra pensar, um computador quântico é um dispositivo que *literalmente* obriga a realidade a fazer cálculos. A *própria* realidade, e não um *modelo* dela. Pegamos o tecido do mundo e o obrigamos a calcular. Como se você pegasse a parede da sua casa e a obrigasse a resolver equações. A parede resolve. Mas o que acontece com a casa?)

Achávamos que estávamos estudando o mundo quântico.

O mundo quântico estudava a gente.

— Dan? — a voz de Lena. — Você tá bem?

Eu estava parado no meio do laboratório e, pelo visto, tinha uma cara que fez Lena perguntar. E Lena não pergunta “você tá bem” à toa. Ela pergunta quando a resposta é óbvia e nada animadora.

— Tô — eu disse. — Fiquei pensando.

— Você “ficou pensando” de pé, de boca aberta, olhando pro teto, por dois minutos.

Dois minutos. Pra mim pareciam uns dez segundos.

— Dor de cabeça — menti. — Vou dar uma volta.

\* \* \*

Saí e liguei pra Wei Lin.

— Começou — eu disse.

— O que exatamente?

— Eu estou vendo. O tempo todo. Antes era em flashes. Agora em blocos de quinze, vinte segundos. As pessoas. O espaço. As conexões. E não consigo controlar.

Pausa. Curta — talvez um segundo. Mas para alguém que diz “setecentos anos de experiência”, esse segundo significava que ele estava calculando.

— Venha — disse ele. — Agora.

— Estou no trabalho.

— Daniil. Em vinte e quatro horas, você não vai conseguir estar perto de gente sem ver o avesso delas. Em quarenta e oito, não vai conseguir distinguir essa camada da física. Em setenta e duas, vai parar de entender qual delas é real. O trabalho espera. Seu cérebro, não.

Olhei para o prédio do instituto. Sete andares. Elevador quebrado. Máquina de café que obedece às leis da termodinâmica apenas nos dias pares. Lena atrás dos monitores. Serioja com o ferro de solda. Grisha com os pontos de exclamação. Os qubits fingindo que não olham pra mim enquanto eu finjo que não olho pra eles.

Meu mundo. Quatro anos. Publicações, grants, conferências, copos descartáveis de café ruim, discussões sobre decoerência, sessões noturnas de dados, cheiro de cloro no corredor, onze rachaduras no teto.

— Chego em quarenta minutos — eu disse.

Desliguei. Fiquei parado. Depois voltei pro prédio.

\* \* \*

— Lena.

Ela se virou. Três monitores, camisa xadrez, o olhar de quem já entendeu que ia ouvir algo que não ia gostar.

— Preciso ir.

— Pra onde?

— Assuntos pessoais.

— Dan. A revisão por pares é em seis semanas.

— Eu sei.

— Os dados do último mês não foram processados. A série vinte e seis não terminou.

O Serioja diz que o criostato...

— Lena. Eu *preciso* ir.

Pausa. Ela me olhava. Eu via — com a visão normal, sem a “do stack”, apenas via porque a conhecia há quatro anos — como atrás dos olhos dela passavam as opções: ele está doente, está encrocado, achou outro emprego, está surtando, já surtou.

— Por quanto tempo? — ela perguntou.

Eu não sabia. Eis o que é mais honesto: eu não sabia. Por quanto tempo é um dia? Uma semana? Pra sempre? Wei Lin disse “aprendizado”, mas o que isso significa — aprendizado? Um mês? Um ano? Setecentos anos?

— Não sei — eu disse. — Talvez uma semana. Talvez mais.

— E talvez você não volte.

Ela disse isso como constatação. Baixo, uniforme, sem drama. Lena não faz drama. Lena faz fatos.

— Talvez eu não volte — eu disse.

Silêncio. Longo. Os sistemas de refrigeração zumbiam. Em algum lugar lá embaixo Serioja deixou cair algo pesado.

— Isso tem a ver com o que aconteceu no cruzamento? — ela perguntou. — Com o caminhão? Com os dados? Com aquele pico que “não vimos”?

Assenti.

— Você encontrou... algo?

— Alguém.

Ela fechou os olhos. Abriu. Levantou. Se aproximou de mim. E fez algo que em quatro anos nunca tinha feito: me abraçou.

Rápido. Forte. Sem palavras.

Depois recuou.

— Vai — ela disse. — Mas Dan...

— O quê?

— Se onde você está indo for uma seita, eu vou lá e te arranco pelas orelhas. Você me conhece.

Eu sorri. Pela primeira vez em uma semana — de verdade.

— Eu sei.

— E mais uma coisa. — Ela voltou pros monitores. — A série vinte e seis eu termino sozinha. Mas se você não voltar pra revisão, eu te coloco como terceiro autor. Depois do Serioja.

— Depois do Serioja?!

— Pelo menos ele aparece pra trabalhar.

Isso era uma despedida à moda da Lena: insulto disfarçado de carinho disfarçado de insulto. Peguei o casaco, a mochila e o caderno de Zoya da gaveta. Na porta, me virei.

Lena estava sentada diante dos monitores. Costas retas. Mãos no teclado. Três telas, código, dados. Como sempre. Como de costume. Como se nada tivesse mudado.

Só que os ombros estavam um pouco levantados. Um detalhe pequeno. Ela faz isso quando está segurando o choro.

Saí. Fechei a porta. Desci a escada (o elevador não funcionava; o elevador, pelo menos, era estável na sua recusa de funcionar — e nisso havia consolo).

No patamar entre o terceiro e o quarto andar eu parei. Perdi o fôlego — sim, isso também. Mas o principal — lembrei dos ombros da Lena.

Ela ficou calada. Os ombros subiram — e só. Sem lágrimas, sem gritos, sem “não vai”. Quatro anos juntos, e a única despedida que ela se permitiu foram dois centímetros pra cima. Dos ombros. Em silêncio.

(Eu — na escada, entre o terceiro e o quarto andar — pensei: talvez isso seja o “invariante subjetivo” na prática. *Como você se cala*. E o silêncio de Lena é *bonito*. Como o de Wei Lin. Só que sem setecentos anos de prática.)

Saí do prédio. Entrei no carro.

\* \* \*

No caminho para Khamovniki, me pegou.

Não no metrô, não no meio de gente — no carro, sozinho, no Prospekt Leninsky, no trânsito. O lugar mais inadequado do mundo para uma expansão de consciência (embora, pensando bem, não exista lugar *adequado* pra isso; dificilmente alguém um dia disse: “Ah, que hora e lugar convenientes para todos os meus filtros perceptivos desmoronarem!”).

Primeiro eu vi os carros. Processos — ferro, vidro e plástico não tinham nada a ver. Cada carro no trânsito era um nó numa rede de milhares de decisões: esse virou pra cá porque estava atrasado, porque dormiu demais, porque não dormiu à noite, porque brigou com a esposa, porque... Milhares de cadeias causais trançadas num único nó que

chamamos de “trânsito”. Trânsito é a visualização de como dez mil vidas não cabem ao mesmo tempo num mesmo espaço.

Depois eu vi a estrada. *História*, e não asfalto. Camadas descendo: este asfalto, o anterior, o anterior ao anterior. A terra que estava aqui antes da estrada. A floresta que estava aqui antes da terra. A geleira que estava aqui antes da floresta. Tudo ao mesmo tempo. Como fato, e não lembrança: todas essas camadas *estiveram aqui* e, em certo sentido, *ainda estão*.

Depois — o céu. O *próprio céu*, e não as nuvens. O espaço entre mim e as estrelas, que achamos ser vazio. Não é vazio. É cheio de conexões, fluxos, estruturas que... que...

Aí eu percebi que não sentia o volante. Minhas mãos por um segundo deixaram de ser “minhas” — e não tinha nada a ver com dormência. Eram parte do carro, que era parte do trânsito, que era parte da cidade, que era parte de... quê? De tudo?

Não sei quanto tempo durou. Talvez um segundo. Talvez um minuto. Voltei a mim porque alguém buzina — havia um espaço de um carro e meio na minha frente e eu estava parado, sem andar.

As mãos tremiam. O coração batia como se eu tivesse corrido cinco quilômetros. Na boca, gosto de cobre. (Depois Wei Lin explicaria que o gosto de cobre é a resposta neuroquímica do cérebro à sobrecarga: quando a quantidade de informação processada excede a largura de banda, os neurotransmissores “vazam” e os receptores gustativos captam o que não era destinado a eles. Bonito. Assustador. Científico.)

Cheguei a Khamovniki no piloto automático. Não lembro como estacionei.

\* \* \*

Wei Lin abriu a porta, olhou pra mim e disse:

— Senta. Não fala.

Sentei. Ele pôs a mão na minha nuca. A palma era quente e seca. Eu esperava algo — um flash, uma sensação, um choque elétrico. Nada. Apenas uma palma quente.

E o mundo ao meu redor — devagar, como se alguém estivesse abaixando o volume — silenciou.

Os fios desapareceram. As trajetórias desapareceram. O espaço voltou a ser simples, plano, unidimensional: paredes, mesa, xícara, luz. Aquele “primeiro andar” onde vivem todas as pessoas normais. Eu não via mais nada além do que todos veem.

E as lágrimas escorreram.

Pelo mesmo motivo que se chora quando desligam a música: há um segundo havia uma orquestra, e agora há silêncio, e no silêncio você ouve apenas a própria respiração, e ela não te agrada.

Vinte e oito anos eu vivi num mundo que, pelo visto, estava no mudo. Wei Lin por um instante me deixou ouvir como soa a versão completa. E depois apertou “mute”. E

eu sentado naquele silêncio, entendendo: é assim, então, que todo mundo vive. Isso é a “normalidade”. Um quarto surdo no qual você toma as paredes pelos limites do mundo e a ausência de música pelo silêncio. Só que é surdez, e não silêncio nenhum.

— É temporário — disse Wei Lin. Tirou a mão. Voz calma. — Eu coloquei um filtro. Vai durar alguns dias. Suficiente para começar a aprender.

— Aprender o quê?

— A olhar sem se queimar.

Enxuguei o rosto. Olhei pra ele. Ele servia meu chá. Calmamente. Como se não tivesse acabado de desligar o universo de alguém.

— Setecentos anos — eu disse. — O senhor está falando sério.

— Eu estou sempre falando sério. Exceto quando aviso que estou brincando.

— E o senhor todo esse tempo... vê?

— Vejo.

— Tudo?

— Mais que tudo. Mas isso fica pra depois.

— Como o senhor não enlouqueceu?

— Quem disse que não?

Pausa. Tentei determinar se era piada. Não consegui.

— Tá — eu disse. — Digamos que eu não quero voltar pro quarto surdo. E agora?

— Agora você aprende. Em outro lugar, onde isso pode ser feito de forma... mais segura. Moscou não serve pra isso.

— A Academia.

— Sim.

— Ela é o quê? Uma escola? Um mosteiro? Uma base militar?

— Tudo isso. E nada disso. — Ele tomou um gole de chá. — A Academia é um espaço no qual as leis funcionam de outra forma. Porque paramos de fingir que são as únicas.

— Onde fica?

— Em todo lugar e em nenhum. É resposta de físico se passando por místico: ela existe em camada, e não em coordenadas. A entrada é perceptiva, e geografia não tem nada a ver. Você já quase consegue entrar.

— Quase?

— Quase. Você precisa fazer uma coisa.

— O quê?

— Parar de se segurar.

— Em quê?

— Na configuração. — Ele tomou um gole de chá como se tivesse dito “no tempo”. — Você não é o seu nome, não é o seu apartamento, não é o seu instituto, não é a fotografia na sua mesa. Você é o processo que gera tudo isso. Mas o processo se agarrou

aos próprios produtos e decidiu que é eles. Como um rio que decidiu que é as margens. Tire as margens — e o rio simplesmente corre mais largo.

— E se eu não for rio? Se eu for justamente as margens?

— Então você não terá com que fluir para a Academia.

Era diagnóstico. Ele não estava convencendo. Estava verificando.

— Ela acha que estou entrando pra uma seita.

— Ela está errada. Mas não muito. — De novo a sombra de sorriso. — Seita é quando te explicam que você é especial e pedem dinheiro. A Academia é quando te explicam que você é comum e pedem todo o resto.

(Eu pensei muito depois nessa formulação. Ela é precisa. E ela explica por que coaches de despertar faturam milhões: vendem a primeira metade — “você é especial” — sem a segunda — “entregue tudo”. É como vender a entrada de um prédio em chamas sem o traje antichamas. O cliente entra, sente o calor, diz “uau, transformação!”, sai correndo antes de pegar fogo, escreve uma avaliação cinco estrelas e compra o segundo módulo. O incêndio de verdade — aquele em que se entra e não se sai correndo — custa você. Dinheiro não chega. Mas isso não cabe na propaganda.)

Olhei pro chá. Pra mesa. Pro ovo de pedra preta na prateleira (ele estava quieto; quem morava dentro dele, pelo visto, decidiu não bisbilhotar). Pra Wei Lin. Pras minhas mãos.

Minhas mãos. Mãos de Daniil Reinov, físico, moscovita, órfão (quase), neurótico, bug. Mãos que seguraram os chinelos da mamãe vinte e um anos atrás. Mãos que puxaram Lena pela manga no cruzamento. Mãos que tremiam quando eu lia o caderno de Zoya.

Parar de se segurar.

— Quando? — perguntei.

— Amanhã. De manhã. Eu passo pra te buscar.

— Preciso ir em casa. Arrumar as coisas.

— Coisas não são necessárias.

— Pelo menos a escova de dentes.

Ele me olhou. E riu. Pela primeira vez. Baixo, seco, mas uma risada de verdade. Risada de verdade — não sorriso, não sombra de sorriso.

— A escova de dentes pode — ele disse.

\* \* \*

À noite eu estava no apartamento fazendo o que um físico faz quando a vida desmorona: inventário.

Livros — cento e quarenta e três (contei no ano passado, quando tentava dormir). Monitor — um. Caneca com alça quebrada — uma. Rachaduras no teto — onze. Tudo

no lugar. Como no laboratório: os instrumentos estão ali, os dados são coletados, o experimentador vai embora. Os instrumentos não percebem.

A foto da mamãe. Peguei da mesa. Cabelos escuros. Olhos que olham através da câmera. Vinte e um anos essa fotografia ficou na cozinha, e vinte e um anos eu achei que fosse tudo que restara. Agora me dizem: ela não morreu, está em algum lugar no stack, e eu carrego em mim a caligrafia dela. E eu vou para um lugar sobre o qual não sei nada além do nome. Uma noite normal de um doutor em ciências normal.

A foto eu botei no bolso do casaco. A escova de dentes na mesinha de cabeceira.

Depois liguei pro meu pai.

Três toques. Quatro. Cinco. Eu já ia desligar — e ele atendeu.

— Dan? — Voz surpresa. Fazia mais de um mês que a gente não se falava. — Tudo bem?

— Tudo, pai. Tudo normal. Só queria... conversar.

Pausa. Meu pai é um homem de pausas. Ele não fica calado porque não sabe o que dizer. Fica calado porque se acostumou a achar que palavras são um instrumento pouco confiável, e silêncio é pelo menos honesto.

— Conversar — repetiu ele. — Você tá bem mesmo?

— Pai. Quero te perguntar. A mamãe... ela alguma vez te disse alguma coisa... estranha? Sobre o mundo. Sobre como a realidade funciona. Sobre ela ver coisas que os outros não viam.

Pausa longa. Muito longa.

— Por que você está perguntando?

— Porque eu acho que estou começando a entender o que aconteceu com ela.

Mais pausa.

— Ela dizia — ele finalmente falou. Voz baixa. Estranhamente baixa. — Ela dizia que o mundo é como uma casa de paredes finas. Que às vezes ela ouvia o que tinha do outro lado. Eu achava... eu achava que era metáfora. Ou... — ele engasgou. — Ou doença.

— Não é doença, pai.

— Dan. Você não está...

— Não. Eu não estou doente. Eu... entendi. Acho.

— Entendeu o quê?

— As paredes.

Silêncio. Eu ouvia a respiração dele. Pesada, regular, respiração de um engenheiro de sessenta anos que a vida inteira construiu pontes (de verdade, de concreto e aço) e nunca acreditou em nada que não pudesse tocar com as mãos.

— Toma cuidado — ele disse.

— Pode deixar.

— E liga. Não daqui a um mês. Daqui a uma semana.

— Tá bom.

Pausa. Eu ouvia ele respirar. Depois ele disse:

— Sua mãe... ela também começou assim. Primeiro, perguntas. Depois, respostas que eu não gostava. Depois, foi embora.

Isso foi o mais longo que ele falou sobre a mamãe em vinte e um anos. Normalmente, uma frase: “Acidente.” Ponto. Como uma viga que se coloca atravessada na conversa pra ninguém passar. E agora — três frases. Pro meu pai, isso equivale a escrever uma autobiografia.

— Pai. Eu volto.

— Ela também dizia isso.

Desligou. Sem se despedir. Meu pai não se despede — simplesmente desliga quando acha que tudo foi dito. Abordagem de engenheiro: conversa é uma ponte, e quando você a cruzou, não fica parado nela admirando a vista. Segue em frente.

Fiquei na janela. Moscou atrás do vidro fazia aquilo que faz melhor: existia. Vinte milhões de pessoas, quatro por cento da realidade, zero vírgula três por cento de explicações. Pro relatório — suficiente.

Amanhã de manhã Wei Lin vem me buscar. Amanhã eu vou para um lugar que existe “não em coordenadas, mas em camada”. O que, pensando bem, é a coisa mais honesta que se pode dizer sobre qualquer lugar que vale a pena ir: não está no mapa. Está em outro modo de visão. Como aquela imagem da infância — “Olho Mágico” — onde era preciso desfocar o olhar, e então do caos surgia um golfinho tridimensional. Só que aqui em vez do golfinho é a Academia. E o que precisa ser desfocado não é o olhar, mas a vida.

Deitei.

Amanhã — outra pessoa. Ou a mesma, mas sem margens.

Dormi rápido. Não sonhei nada.

A escova de dentes na mesinha de cabeceira. A foto da mamãe no bolso do casaco pendurado na cadeira. O caderno de Zoya na mochila ao lado da porta. O cartão de Wei Lin no bolso de trás da calça jeans.

Quatro objetos. Tudo que restou de Daniil Reinov, doutor em ciências, Moscou, Shabolovka.

Aliás, pensando bem, quatro objetos é mais do que o necessário. Wei Lin disse: “Coisas não são necessárias.” Mas também disse: “A escova de dentes pode.” E eu quero acreditar que um homem que setecentos anos atrás parou de se segurar nas margens ainda entende alguma coisa sobre escovas de dentes.

E se não entende — eu explico pra ele. Será minha primeira contribuição à experiência de setecentos anos da Academia: higiene bucal como fundamento do desenvolvimento metafísico.

Com esse pensamento eu, acho, sorri. E dormi.